

Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XXVI IX/X Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



King Chaos

Ficha Técnica

Infernus nº XXVI

Editor: Mosath

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Lurker, Metzli, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, Charles Sang-noir, Fátima Vale, José Macedo Silva, José Pedro C. Pontes, Júlio Mendes Rodrigo, Lupum, Melusine de Mattos, Naive, Vitor V.

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

Pág.1, 30, 31, 36, 39: Paulo César – www.paulocesar.eu

Pág.4: Alterada a partir de Candace Miller – vampire-kitten.deviantart.com

Pág.6, 8, 26, 32, 34, 35, 44, 45: Technochrist – technochrist.deviantart.com

Pág.13, 40: AssassIn – fabiopoupinha.pt.vu

Pág.14: Rodagem do filme Os Pássaros (Alfred Hitchcock – 1963)

Pág.16: Fotograma do filme A Zed and Two Noughts (Peter Greenway – 1986)

Pág.17: Fotograma do filme The Falls (Peter Greenway – 1980)

Pág.18: May Day (Chiara Bautista – 2007)

Pág.19: Diogo Sousa – dipiriri.deviantart.com

Pág.20, 21: Alda Silva – www.aldasilva.net

Pág.22, 24, 25: Gilberto de Lascaris

Pág.28: Bruno Miguel Resende – www.bmresende.net

Pág.41: Nuno Campos – fields.deviantart.com

Pág.42: Justin – dirtyseagulls.deviantart.com



Editorial

Mosath

Chegamos, mesmo a tempo, de celebrar o início do Equinócio de Outono!

Esta estação está estabelecida em cores enxutas, opacas, acastanhadas... e o castanho é a cor da terra. Do Homem. O Outono remete-me, muito, para consumo de cultura, visitas a museus ou galerias, passeios pela História, já que faz soprar uma brisa calma, sincera e terrena. Remete-vos, igualmente? A cultura ou o meio cultural parece virar ruínas, sinceramente, nos dias de hoje, por cá.

Afirmando isto, dá deveras vontade de apresentar, a todos vós, um novo número da Infernus, o qual encaixa perfeitamente em moldes capazes de exercitar e olear as correias da sociedade para as engrenagens da cultura, a qualitativa!

Neste novo número, temos a temática do Homem/propósito da Humanidade, que entrelaça com o "Mass-Satanism" e com variadas teorias apocalípticas. Contamos com mais contribuições dos nossos contribuidores e colaboradores habituais. Contribuidores e colaboradores que regressam com as suas palavras e outros que aparecerão noutras edições futuras; construímos uma arma de vozes e conhecimentos!

Para esta edição, entrevistámos Melusine de Mattos, escritora e *performer* em *spoken word*, a qual nos dá o privilégio de conhecer a sua personalidade e vida criativas. Formando as suas perspectivas sobre o mundo humano e as suas falhas, garante-nos uma entrevista deleitosa e que, com certeza, não nos sairá da mente tão cedo, a menos que a incorporemos, rapidamente, em alguma acção mundana nossa.

Numa edição em que encontramos perguntas acerca de quem é cada um de nós e qual é o seu caminho, há ainda tempo para lermos sobre "Mass-Satanism", concretamente, no artigo assinado pela Metzli, que aborda a leitura da obra "Versículos Satânicos".

Nesta sociedade frenética e que consome aparelhos de informação, ao invés da informação em si, resta-nos ter em consciência de que os leitores da Infernus continuarão a ler estas páginas simples e informativas, cujo objectivo inicial continua a desdobrar-se em bom estilo...

Nós, homens e mulheres, vemos que os conceitos de que nos vão ensinando acerca da liberdade, da conquista, dos sentimentos e do prazer, continuam a cimentar as nossas estradas de vida, porque é este o único modo de chegar aonde os nossos egos e as nossas sabedorias reclamam.

Deixem-me, suspeitosamente, sublinhar que esta edição é muito do meu agrado, porque vejo e leio nela vozes capazes de intervirem no meio social e intelectual em que estamos inseridos, vamos estando. Se existe alguma edição Infernus que possa ser conhecida como o resumo dos nossos melhores desejos e das nossas mais fortes palavras, a mesma será esta. Por isto e por muito mais, em processos de revisão, conversação e paginação, agradeço a toda a equipa editorial e a todos os contribuidores da Infernus, por, mais uma vez, cooperarem em prol do fortalecimento do Homem e, inclusive, de Portugal. Citando uma mente brilhante e nacional: "somos o que acreditamos". Humanidade, coragem e acção!

Leiam, releiam, dêem a ler. Que esta leitura seja para vós a certeza de que as vossas mãos vão chegar aonde quizerem!

Até ao Solstício de Inverno!
Boas leituras.

ÍNDICE

Belial em Holliwood ----- 4
Mosath

mercurino e a tragédia do pénis descalço ----- 8
BM Resende

Apocalypse, Please ----- 13
Aires Ferreira

Evento Violento Desconhecido ----- 14
Júlio Mendes Rodrigo

O Mito do Homem Absurdo ----- 19
José Macedo Silva

Entrevista Melusine de Mattos ----- 22
Mosath

O Propósito de mim enquanto Humano ----- 26
Lupum

da psiconevrose extrafisiológica ----- 28
Fátima Vale

A humanidade regressando como um ouroboros ou a utilidade dos homens ----- 30
José Pedro C. Pontes

Mass Power ----- 32
Metzli

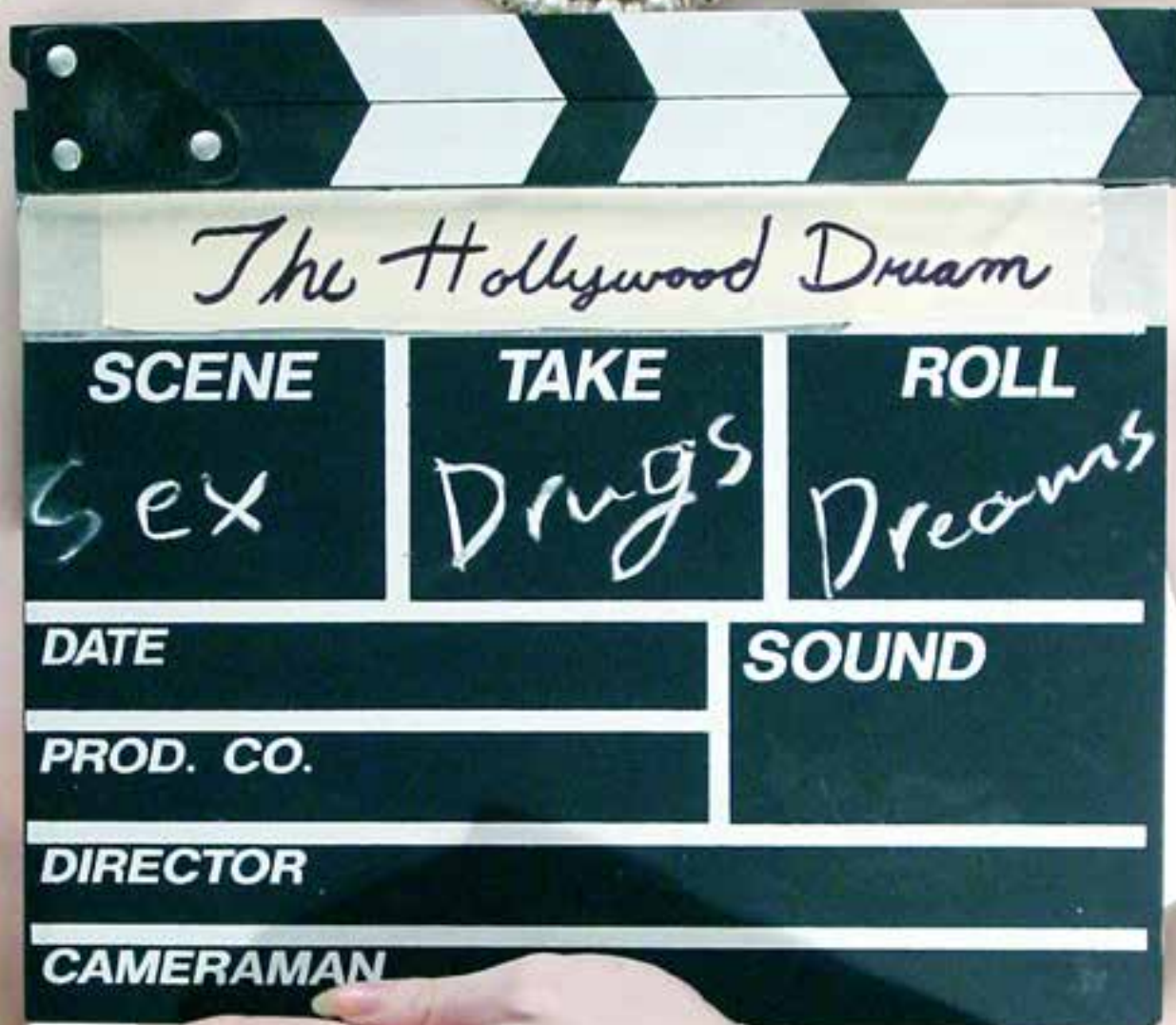
Por um Satanismo verdadeiramente humanista ----- 36
Vitor V.

O fim está próximo ----- 39
Charles Sangnoir

Vem por aqui ----- 40
Naive

Lilith - A Gafe do Criador III ----- 42
Outubro





Belial em Hollywood

Crónica 1

Mosath



“Eles sabem o preço de tudo e o valor de nada.”

Oscar Wilde, li, escreveu essa frase.

As questões humanas não têm vindo a alterar-se em quase nada, apesar da cada vez mais lancinante passagem dos tempos. A terra é fértil nos seus padrões milenares, sendo que a maior das dádivas é a rudeza que a terra tem para suportar os nossos pés, não obstante, há qualquer coisa de fascinantemente infértil para se observar nos tempos de agora. Não, ver!

Fui ver coisas que resumissem o agora geral e global – humano –, o momento, logo que melhor teatro de operações para isso do que a insone Califórnia? O comportamento humano foi registado por mim, numa noite...

Quando cheguei à Califórnia, o local em concreto onde ia escrever os meus vocábulos injectados era Hollywood. Hollywood e tudo o que se podia associar àquele exacto local veio a relevar-se como uma espécie de um guião escrito por alguém *online*. Ciberneticamente, era-o mesmo!

Nessa noite, eu (Belial) assisti a um duplo homicídio. Não existiu um grande estardalhaço na escrita dessa situação, mas a verdade é que, por causa da mesma, se procedera a uma angariação de votos. No local do homicídio, respirou-se um forte odor a simulação com mistura de fragrâncias incautas e foi sob tal cortina de respiração que os intervenientes com o maior número de falas requisitado – previamente, porventura – procederam ao pedido de votos a desconhecidos e a quem nada tinha a ver com aquilo. Os votos eram focados no sentido de quem teve maior culpa e quem é que tivera sido mais provocado; tudo numa óptica de palpite automático. Sempre. Sem vontade, sem decisão real.

Plácido, invisível a olhos indignos, eu assumi a – uma – viciante realidade de que, quando as pessoas se perdem do norte, perdem-se da capacidade de demonstrar a sorte que é poder exibir aquilo que se faz. Desse modo, fica tudo turvo para, num ciclo ou em vários, vir a tornar-se repetitivo e usado. Gasto.

Das ruas à noite ficarem mais vivas e bombeadas do que de dia, já qualquer humano fala, e eu, estando vivo e bombeado, igualmente, naquela avenida que elegi para visitar, deparei-me com o clube *white and whi-*

te midnight, onde actores, atrizes, manequins e músicos, principalmente, iam levar os símbolos e os louros dos seus quotidianos. Marcas, estilistas e dentistas estavam por lá representados, porém mais havia do que se via. Já muito próximo da entrada, vi a tipologia de terra daquele lugar, a qual se descreveria como um rebento artificial que não era mais do que mirrado.

Dois Ferrari roncaram, de repente. Fumo, borracha a queimar, cromados... saíram dois asininos dos carros e várias pessoas acercaram-se deles. Dos asininos? Não, dos Ferrari. Tempos dos/pelos objectos, não das/pelas personalidades e o que rima isoladamente com objecto é estupidez. O que é personalidade não tem que ter rima, visto que é poesia sustentável, automática e visceralmente. Os asininos entraram no clube e os Ferrari foram estacionados, em pouco tempo, pelas mãos de empregados do clube, os quais, através seus olhos semicerrados, babavam rimas estúpidas.

Eu estava a aproximar-me da porta, quando um dos seguranças do *white and white midnight* me perguntou se tinha reserva no meu nome. Não. Perguntou-me se, possivelmente, tinha uma ou mais companhias femininas. Respondi àquele segurança encorpado, cujo efeito encorpado advinha, sobretudo, do seu dilatado moreno, perguntando-lhe se toda aquela gente na entrada não era companhia suficiente. No momento em que eu ia ser, cinicamente, convidado a desviar-me daquele espaço, uma loira veio segurar-me por um braço e gritou ao segurança, num tom de *glamour*, que íamos entrar! O segurança disse-me que talvez eu quisesse que me estacionassem o carro; só precisando, para isso, de entregar a chave e indicar qual o carro. Descapotável? SUV? Respondi-lhe que havia chegado lá de outras formas, mas que, para a próxima, arranjaría um carro para que pudessem estacioná-lo.

Entrei no clube de mão dada com a loira...

Já dentro do clube, o meu nariz foi assaltado por uma autêntica miscelânea “hollywoodesca”. Iluminado de modo diminuto, o espaço era amplo e pude aperceber-me de que o buliço era tanto que a música mal se fazia ouvir, notar. A decoração imponente, de brancos e de dourados penetrantes. A energia de algumas das pessoas assumia-se como um motor de moléculas numa correria danada, mas como um motor, um bom motor, pede lubrificante, a correria, em breve, passou a ritmo de marcha olímpica. A razão disso foi o *dj* – ou um deles – ter aumentado o volume de um

género de música assaz quezilhento. As pessoas recebiam o volume mais alto com a compaixão da boémia, mas tudo aquilo pareceu possuir um défice de escolha ao embater nas idiossincrasias da maioria daqueles que dançavam.

Olhei um pouco mais em redor após retribuir um sorriso à minha companhia feminina. Cigarros? Apenas electrónicos. Não existia mais aquele lume a arder no cigarro, o fumo arriscado e cheio, nem a fragilidade da habilidade manual. As políticas de saúde, que fazem mover milhões de dólares na pegada de empresários e empresas, estão patentes naquele *gadget* tabaqueiro.

A mulher que estava comigo tentou atirar-se a mim. Da boca dela saíram palavras meigas, apresentando-se como uma produtora cinematográfica requintada e, inclusive, lançando bitaites acerca da beleza humana e de homens que considerava serem charmosos. Eu, Belial, também merecera o título de charmoso! A personificação do carácter de um demónio, eu, Belial! Chefe dos anjos caídos. Igualmente, arrogante, incito à fúria e à potência. Guarnecia-me a mim próprio como um émulo e rival de tolos presentes naquela inconsequente festa. De materialistas, chupistas, parasitas com pós de silicone, gessos, cal. Charmoso!

Pousei as mãos nos braços da loira. O meu toque forte e seco como terra fez surgir uma luz melindrosa nos seus olhos, um segundo antes de eu articular as minhas palavras, às quais ela deu atenção e foi dando resposta. Não querias estar comigo, ias sofrer! Eu não me importo, pois de quanto é que seria a conta perpendicular a esse sofrimento de que estamos a falar? Conta nenhuma, conheço, vi, alguns candidatos a isso lá fora, visto que sou mais do que pensas que sou, tenho perspicuidade, força e poder genuínos e primários – não contas, não objectos –, para os quais não podes vir a ter subterfúgios electrónicos, levas com tudo isto e rípostas com as tuas próprias mãozinhas



“O meu toque forte e seco como terra fez surgir uma luz melindrosa nos seus olhos...”





“...que outros pretendem e pretenderão que faças, eu não faço e o episódio menos pleno seria o de te oferecer alguma coisa, ir contigo, vires comigo...”

ou então não terás mais que lágrimas; um monumento é construído em suor, sangue, gritos e arranhões; lágrimas, somente, não o erguem e o monumento somos nós! Vamos, vamos então. Não, porque apenas eu uso as mãozinhas, tu usas, quanto muito, as unhas e não consegues ver que és dominada pela realidade, ao invés de a dominares como eu faço. O que outros pretendem e pretenderão que faças, eu não faço e o episódio menos pleno seria o de te oferecer alguma coisa, ir contigo, vires comigo, mas esse tipo de compromisso não é mais do que escrever sob uma tinta inventada e eu respiro cicatrizes, como pontos, como carne e escrevo com

cascalho. Não percebo o errado que eu possa ter para ti e não percebo o que é que leva a que não me mostres o que tantos me mostram. Quando estiveres a viver a tua vida, quando estiveres a viver neste mundo terreno, naturalista, livre, eu estarei num outro caminho, aliás, numa outra parte do caminho, se correres, poderás apanhar-me; sabes o preço, não sabes é o valor, por conseguinte, não será aqui e nem será agora.

Sem a companhia com que tinha entrado no clube, permiti-me a andar pelo meio das pessoas. Os grupos ou as agências tinham peso na definição de cada uma daquelas pessoas. Eu era eu por mim próprio. Estranhavam, assim que falávamos sobre o que cada um de nós era e representava. Ah! Eles imitavam contratos assinados algures, por outro lado, eu assinava o meu nome nas ondas de energia e temperatura dentro do clube.

Um gajo pequeno, a dada altura, veio ter comigo e apresentou-se. Jack Jagger Jr. Falou pouca matéria sobre ele próprio, mas a ideia com que fiquei dele foi de que J. Jr. olharia o mundo, enquanto sentado num sofá com diamantes, bebendo de uma palhinha feita de caviar plastificado. Tratava-se, portanto, de um outro autómato de algodão em crescimento e com pouco conteúdo filosófico e carácter. Perguntou-me de onde é que eu vinha. Respondi, brevemente e com folia, dos lados da velha

Babilónia. J. Jr. respondeu-me que tudo o que ficava fora de Hollywood, da Califórnia ou de outros locais semelhantes, desconhecia. Desconheces ou és surdo? Surdo, não, ouço bem! Eu gosto de ouvir um bom concerto de pop e de ouvir o Justin Bieber falar sobre o amor, fora dos recintos e palcos onde vai actuando, simultaneamente, eu lanço mensagens *online* daquilo que estou a ouvir e olha que o que ouço e, a seguir, transmito torna-se logo sucesso. Apertei-lhe a mão direita e senti a sua aura: toque em latão. Disse-lhe para acrescentar, *online*, uma mensagem sobre a existência de um país chamado História e, enquanto lhe virava costas, escreveu.

Continuei a andar por entre a multidão transpirada, quente e pitoresca. Os meus ouvidos tinham-se apurado perante conversas e diálogos curtos de muitas pessoas. Não necessitei de muito tempo para me questionar sobre em que buraco estariam as conversas/falas de alguém ter caído, levado um soco, nem que a brincar, empanado o carro do pai ou do próprio ou, ainda, de ter discutido com a vizinha chata e desleixada do andar de cima. No seu todo e em discriminação, as conversas compunham-se douradas, maquilhadas e compensadas.

Eu ia actuar de modo consciente diante da multidão presente naquele clube, não obstante, antes de avistar o ponto em que a actuação se desenrolaria, ali, eu me senti. Não me senti. Eu





sentei-me. Não me sentei. Sentei-me, ali, e não me senti.

Furei por mais umas dezenas de pessoas até ao local do *dj*. O riso dele era branco que nem açúcar e olhava para mim com uma expressão que parecia dizer que podia salvar o mundo com esse riso. Deitei-lhe a língua de fora, severo, e agarrei num microfone para vociferar, a partir do momento em que o *dj* levou um dedo ao volume mínimo da música, o seguinte :

Vejo-vos, seres humanos! Sou Belial!

A humanidade está a viver em Hollywood. A Terra, a minha terra, deixou de vos alojar. Agarrem num pedaço de terra ou num pedaço de esterco, se quiserem, e sintam-no! Sintam a terra! O prazer de viver na Terra é essa terra: é fino, abundante, disperso e escurecido aos olhos dos outros. Pisais a terra e nem por um segundo a tocais. Engano-me no que falo! Tocaís a terra para a eliminar em prol de um vírus qualquer, uma conspiração qualquer com capitalismo em ebulição, o que faz pensar que a melhor das terras para os vossos movimentos seria a pasta de papel branco apagado, porque não faria qualquer diferença para as vossas correrias de estilo estúpido com inanição. O que vou desejar, sobretudo, é que viesse a ser essa pasta o vosso oxigénio, já que era a forma de alterar o final dos vossos seres: de oxigenados para apagados, empapados. Dancem e esqueçam de que existe terra lá fora. Terra! E o oculto. O oculto e o desconhecido, o que é que vos desperta? Nada, certamente, porque é vossa a medula do “interesseirismo”, a neurose da balbúrdia social e a observação de placas e não rostos. Tudo em vós se habituou a sinais de trânsito, embarque e interiores. O clube é para vós uma faixa de rodagem, na qual aguardais pelos sinais verdes ou fingis mudar para verde para que outrem avance. Todavia, o rosto e o olhar é que dizem tudo, mas são negligenciados após as ostentações com relatos de consumismo. Não vos esqueceis de que ser-se humano também é ter que lidar com várias pestanas nos olhos e alguns humanos, francamente, conseguirão lidar com as mesmas, tirando-as, outros, simplesmente, não o conseguirão, vindo a resultar disso um bom ser humano que possui pestanas com olhos. A Terra precisa de ser vista como o centro do Universo que se conhece. Venham personagens e elementos novos para reclamar outro entendimento dos humanos.

O tempo pareceu parar. Apesar de não ter olhado para nenhum relógio, o

tempo deve ter parado, a julgar pelas expressões desajustadas das pessoas. Caiu um silêncio absurdo sobre a massa festiva, o que realçou o barulho metálico dos meus passos. Terra sólida a bater em chapa. Olhei em redor, acenei à loira que me ajudara a entrar no *white and white midnight* e gritei corram todos por jardins e por campos, quais crias faustosas embriagadas de prazer e superioridade! O efeito causado nas pessoas foi semelhante ao que os créditos de uma longa-metragem épica causa.

Saí do clube sozinho e a dança fervorosa, ainda assim, mal escolhida, retomou o seu trono. Eu desapareci na linha do horizonte, mas não para muito longe, porque tinha ainda uma jogada a fazer.

A experiência eloquente soubera-me bem, porque foi lançada para um covil preenchido por pessoas que se vêem a jogar às cartas com cartas de ouro, diamante e brilho. Jogar cartas com esqueletos. Não é jogar às cartas com esqueletos, mas jogar cartas com esqueletos. Os ossos, quais cartas. Tíbias de Ás de copas, de ouros, de paus, de espadas, rádios de Rainha de copas, de ouros, de paus, de espadas, tarsos de Duques de copas, de ouros, de paus, de espadas...

Horas mais tarde, praticamente à hora do nascimento da aurora, parei um Ferrari em frente do clube. Era castanho e com *néon* dourado. Eu tinha tomado posse do veículo, enquanto o dono conversava ao telemóvel, na rua, defronte de um ginásio, acariciando uma cabeça ruiva que lhe emprestava um serviço na cintura, fora de horas, fora de paredes.

O segurança extremamente moreno acenou-me para entrar, confessando-se de que a minha anterior companhia o tinha visitado, minutos antes, em prol de negócios diurnos que interessariam, sobretudo, ao segurança. Pretendia entrar num filme sobre pugilismo que havia escrito, desde que a conhecera e se enamorara pela influência dela, naqueles meios. As situações estavam a suceder-se numa rede acesa com fórmulas naturais, timbres. Da porta, saiu a loira. Abraçou-se a mim, enquanto eu entregava a chave do majestoso Ferrari a um dos empregados. O segurança perguntou-nos se entraríamos de novo, pois, se possível, queria terminar a tal conversa com a loira, antes. Respondi que não, acrescentando que íamos ambos dar uma singela caminhada...

A aurora surgia no horizonte. Longe, perto, próxima. O clube estava próximo das nossas costas, perto, longe.

***“O clube é para vós
uma faixa de rodagem,
na qual aguardais pelos sinais
verdes ou fingis mudar
para verde para
que outrem avance.”***

Estendi uma coisa à loira, cuja curiosidade se inflamou ao ler Ferrari escrito, manualmente. É o quê? Um pequeno botão com vidro, conforme lhe chama o comum mortal. Gosto de botões, gosto de mexer em coisinhas e mecanismos, gosto, vou carregar!

A loira carregou no botão e o edifício do *white and white midnight* pareceu cair sobre o seu núcleo, numa fracção de segundos, para, de imediato, ser assaltado por raios intermitentes, que fizeram com que este se partisse nos ombros de chamuscas. Ruídos selvagens. Rebentamento! Estrondos!

A loira foi a correr para trás como se fosse apanhar borboletas, exibindo um largo entusiasmo facial. O seu corpo estava humedecido em júbilo pela curiosidade do desconhecido fenómeno.

O clarão estendeu-se por largos quilómetros e aquele acontecimento veio a ser um dos mais puros e naturais de que havia memória; memória que se fundaria em pessoas que não sabiam que podia acontecer coisas daquelas fora dos filmes e em pessoas que olharam incrédulas para semelhante metáfora. Enquanto isso e após término da metáfora, eu iria para a terra, iria para a companhia de gatos, calhaus, saltar e ritualizar nos campos eternos.

O exterior meu.

Ireis vós escolher as trevas ou a luz, a lei de Deus ou os trabalhos de Belial?

Digo que Hollywood é Deus e um dos meus trabalhos contra ele começou aqui, agora.

**merculino
e a tragédia do
pénis descalço**

BM Resende



não-dramatis ex-personae: mercurino, morte, sono, sonho, pesadelo, medo

(Levantamento de panos. Sonho encontra-se do lado esquerdo, pesadelo do lado direito. Estão sentados e presos a uma corrente cada um que se estende até ao meio da cena onde se encontram soltas. Ao lado de cada um está um jarro e uma caneca.)

pesadelo

E nisto cai num abismo sem fundo.

(Silêncio.)

sonho

(Pensa.)

Aterrando suavemente sobre cintilantes plumas vermelhas.

pesadelo

(Espanto.)

Impossível. É um abismo sem fundo. Não se aterra.

(Reitera.)

Sem... fundo...

sonho

Ora... Então...

(Pensa.)

Cai no abismo sem fundo abraçado a tudo o que mais amou em vida. Entre os cânticos de pintassilgos em chamas e...

pesadelo

Continua a ser um abismo sem fundo. Continua a ser eterno. E a eternidade sou eu. O pesadelo.

(Reitera.)

Uma eternidade que não seja pesadelo não existe.

sonho

(Pensa.)

Bem... Dessa não há escape. Não há sonho que resista.

pesadelo

Bem o sabes meu irmão.

sonho

Fazes-me lembrar de uma maravilhosa viagem em que embrenhei o mercurino.

(Silêncio.)

A ginecologia da moral. Belíssimo.

pesadelo

Lembro-me perfeitamente.

sonho

Dessa vez também me interrompeste com essa tua obsessão pela eternidade.

(Silêncio.)

As vaginas sem fundo.

pesadelo

Penetrar as entranhas rumo ao vazio. Foi fácil desviar o curso das tuas águas. Difícil, minimamente difícil, foi mudar o leito das tuas danças ao sabor do trombone. Quando todas aquelas criaturas coloridas rasgavam sorrisos a cada movimento do corpo líquido ao som daquele sopro. Poderia ter um final belo acaso o tivesse. Ainda te lembras dessa minha conquista?

sonho

Plenamente.

(Silêncio.)

A trombose dançante. Só de me lembrar me percorrem arrepios de cima a baixo.

pesadelo

Magistral caro irmão.

(Reitera.)

Foi magistral.

sonho

Sem dúvida. Mas muitas foram as viagens onde te prostraste à magnitude da maravilha sonhada. Como me lembro da tua expressão atónita quando naveguei o mercurino na algália. Um mar cheio de algas. Como ficaste apático enquanto ele remava com palitos em cima de uma rodela de chouriço numa imensidão de caldo verde. Nas margens que lhe arredondavam a visão as danças faiscantes dos pintassilgos em chamas. Épico.

pesadelo

De facto. Foi grande impotência a minha. Como se ficasse estarecido perante o inominável.

(Silêncio.)

Mas na tua viagem seguinte, aquela sobre as coincidências, que derivaste para as incidências no cu, novamente te desviei o curso líquido.

sonho

Novamente a repulsa. O eterno.

(Silêncio.)

Um ânus sem fundo. As tuas repetições vão saturando. Continuo sem conceber como podes continuar ilibado dessa contínua forma de legitimação através dessa multiplicação do mes-

mo. É apenas um beco sem saída. Nada mais.

pesadelo

Digo-te mais meu irmão. Muito mais eternidades poderiam ter corroído a mente do mercurino. Guardei-as. E até te direi algumas porque não as irei utilizar tão em breve. Faltam-lhes alguns requintes para as considerar finalizadas e prontas para a embarcação. Ficarão em terra consciente por mais algum tempo, senão para sempre. Num naufrágio seco.

(Enumera.)

O átomo constipado.

(Reitera.)

Eternamente constipado.

(Silêncio.)

Cabalística enquanto balística do lado de cá.

(Reitera.)

Eternamente ser baleado. Uma acumulação de dor sem falecimento.

(Barulhos metálicos.)

sonho

Alguém vem lá.

(Entra o sono carregando mercurino num veículo. Mercurino está acorrentado e permanece durante todo o acto de pálpebras fechadas e em silêncio. Estático, apenas reage fisicamente às viagens do sonho e do pesadelo.)

sonho

Já por esta doca sono?

sono

Sim. Hoje é diferente.

pesadelo

Bem o vejo. É cedo.

(Reitera.)

Demasiado cedo.

sono

(Prende o veículo de mercurino às correntes soltas. Mercurino fica então acorrentado ao sonho e ao pesadelo.)

Temo que a morte se possa apoderar dele muito em breve. O momento que culminará este ser pode estar próximo. A sua materialidade ressent-se. A fadiga transborda-lhe em excesso. O ritmo ora está ora não.

“Como me lembro da tua expressão atónita quando naveguei o mercurino na algália.”



sonho

Mas...
(*Espanto.*)
Como?

sono

A vida esfacela-se. Um acidente. Os ossos furam-lhe os órgãos.

pesadelo

Mas...
(*Espanto.*)
Tende mais para ti ou para a tua irmã?

sono

Diria que por agora a balança se equilibra. Dei-lhe a paz quando já bramava as dores para o universo. Quando a exaustão já estava cansada de o fulminar. Eis-me nele. Por enquanto. E hoje a vigília não o visitou. Resta-me derramar novamente a serenidade sobre os olhos.

(*Pinta-lhe as pálpebras de negro.*)

sonho

Tudo farei para que para ti tenda. E para que a visita da morte seja adiada. Revirarei o universo para que ela o não encontre.

sono

Assim seja sonho.
(*Silêncio.*)

Urge iniciarem. E dita o inconsciente que o primeiro momento para ti seja pesadelo. Começarás a navegar-lhe nas entranhas extenuadas.

pesadelo

Prestarei todo o meu esforço na concentração das dores. Abrirei os caminhos para a morte. Para que se o quiser hoje, o tenha. Noutras fases me dissipei das tuas jornadas ilustre sono. Me abstive de estar presente.

(*Reitera.*)

Quase sempre. Mas eis-me inteiramente ao teu serviço.

sonho

Bem sei das tuas ausências irmão. Muitos louvores que colhi não te tiveram por inimigo. E permanentemente desejei a ausência da batalha. Como as tuas armas me atemorizam.

(*Silêncio.*)

As frotas de negrume que emanam tantas vezes diluíram a minha cor. Fui arco-íris para a cegueira. Agora te deixo na preparação do duelo solitário. Invocaréi todas as minhas forças para que seguidamente te dissipe. Pois o meu espólio tende para o infinito. Sem repetição.


"O pénis descalço
entende então que a
luminescência das
paredes não o deixavam ver aquilo que as
paredes eram. Lojas.
Desertas todas elas.
Excepto aquela."

pesadelo

Pois excederei em muito os esforços que já fiz por este ser. Irei ribombar no seu cérebro com a tenacidade do raio fulgurante. Escurecerei cada recanto da sua mente para a fulminar com a luz da verdade mórbida. Revolverei as águas serenas em que tu, sono, o tens, em busca dos abismos vertiginosos que o levem à inexistência.

(*Entra o medo. Senta-se por trás de merculino numa cadeira muito alta. Pega num tambor e produz uma pancada seca.*)

sono

Todas as presenças já se manifestaram. Começamos então a hermenêutica.
(*Aproxima-se de pesadelo.*)

Por intermédio do licor do espírito te invoco para a viagem inconsciente.

(*Pega no jarro e enche a caneca.*)

Que a imaginação te escorra em incandescência.

(*Ergue a taça.*)

Penetra-o sem limites.

(*Dá-lhe a taça. Pesadelo bebe lentamente enquanto respira fundo. A cada trago medo produz uma batida seca de tambor.*)

pesadelo

(*Em transe.*)

Um pénis descalço vagueia dentro de corredores homogêneos. Está num sétimo andar de um edifício abandonado. Numa cidade abandonada. E apenas o sente. Não o sabe. Embora veja as paredes luminescentes pouco mais existe que betão. Assim o pensa. Percorre corredores atravessados por outros corredores sem nada mais discernir. Pensa estar no eterno.

medo

O eterno retorno.

(*Batida seca de tambor.*)

Ao mesmo.

(*Três batidas seca de tambor.*)

pesadelo

O pénis descalço pensa no que procura. O diferente. Vislumbra escadas onde a luz é ondulada. Desce-as. Nesse andar o mesmo. Mas encontra o diferente no seu ritmo cardíaco que acelera. E pouco sabe de si. Nada sabe do que está do lado de fora. Clama pelo espaço aberto. Uma e outra vez.

medo

(*Bramido.*)

Espaço aberto?

(*Batida seca de tambor.*)

Nada.

(*Batida seca de tambor.*)

Nada.

(*Batida seca de tambor.*)

Nada.

(*Batida seca de tambor.*)

pesadelo

Vislumbra o diferente externo a um instante. Uma loja cheia de cores. Pequena. O pénis descalço entende então que a luminescência das paredes não o deixavam ver aquilo que as paredes eram. Lojas. Desertas todas elas. Excepto aquela. Porque a vitrina não era uma verticalidade cheia de nada. Apressou-se à loja colorida. Lá dentro sentou-se na única mesa que existia. O espaço estava quase vazio. Apenas as cores o decoravam com panos e luzes. Nada mais. Por trás dos panos surgiu o movimento. O dono da loja ao que pensou. Saiu perguntando se desejava algo em concreto ou se estaria ali apenas por uma qualquer generalidade. O pénis descalço fez menção de dizer que estava apenas de passagem. Era um reviravolta intensa para a serenidade. Estava numa estranha paz como raramente tinha sentido. Ficou a saber que o lojista se chamava oráculo anal. Mantinha o negócio escondido dos olhares medíocres para melhor servir os esclarecidos do espírito. Mostrou-lhe algumas fotografias dos seres que fingia vender. Em uma e outra fotografia apenas ânus. Uns mais raiados que outros. Outros mais comprimidos pelas nádegas que outros. Alguns sarapintados de sardas enquanto uns pareciam uma brancura plena de polpas arrebitadas. Uns e outros sorriam abertamente. Aliás, todos sorriam como se uma serenidade precoce lhes tivesse penetrado o âmagô. O pénis descalço devolveu as fotografias. Não se entesaria tão facilmente. E nem dificilmente. Ainda perguntou por quanto tempo não apareceriam clientes



alguns na loja. O oráculo anal disse-lhe que passava mais tempo sem aparecer um cliente do que a vida inteira do pênis descalço. E logo em seguida lhe explicou os oráculos da saída daqueles corredores e andares. Não lhe explicou contudo a saída do abandono. Antes lhe disse que o abandono é tudo o que há.

medo

O deserto do real.

(Batida seca de tambor.)

Ao mesmo.

(Três batidas seca de tambor.)

pesadelo

O pênis descalço saíra dos corredores e dos andares. Estava agora numa rua ladeada por edifícios todos iguais. Pênis calçados andavam a direito pela rua sempre no mesmo ritmo. Em lógica absoluta. Nenhum notou a sua existência. Apenas seguiam rectas perfeitas até que mudavam de direcção em ângulos de noventa graus. Estariam vivos?

(Silêncio.)

Interpelou muitos deles. Ignoravam-no. Pensou melhor. Percebeu melhor. Não o ignoravam. Ele apenas não existia. Com as lágrimas a embaterem fortes no asfalto correu em direcções aleatórias. Sentia-se murchar mais e mais. Procurava-se. Mas não estava em lugar algum. Saiu da rua e encontrou outra rua igual. Saiu daquela cidade e encontrou outra cidade igual. A latência do medo fulminava-o. Era essa a única diferença.

medo

O eterno retorno ao deserto do real.

(Batida seca de tambor.)

Ao mesmo.

(Três batidas seca de tambor.)

(Silêncio. Pesadelo deixa cair os braços sobre as pernas em exaustão.)

sono

(Lava o rosto de mercurino. Enxuga-o. Pinta-lhe as pálpebras de branco.)

Continuemos a hermenêutica.

(Aproxima-se de sonho.)

Por intermédio do licor do espírito te invoco para a viagem inconsciente.

(Pega no jarro e enche a caneca.)

Que a imaginação te escorra em incandescência.

(Ergue a taça.)

Penetra-o sem limites.

(Dá-lhe a taça. Sonho bebe lentamente enquanto respira fundo.)

sonho

(Em transe.)

O pênis descalço vagueia nos are-

“Estes domínios chamam-me como o alvoroço das gaivotas assustadas pelo raio. Serei a voz da resposta a uma última paz que abrande a batalha solitária.”

ais. Tenta contornar o sol para lhe vislumbrar uma fenda. O sol está forte e redondo incrustado no azul. As areias tremem-lhe nos testículos a temperaturas amenas. Ele vai só. E sonhador. Ouve as águas agitarem-se perante a sua presença. Pensa finalmente ter contornado todo o sol e então imagina ver a fenda da sua glória. Pausa erecto. Tumefacto. A espuma banha-se nas areias sem tremer. Ele sente o sangue a humedificar mais. E mais ainda. Cresce em si a quantidade sanguínea. O fluxo intensifica-se. Pensa serem os antepassados a erguerem-se com ele. Por ele. Poderosos no seu orgulho. Na sua descendência que ascende. O pênis descalço sente então uma gota de suor que não é sua. Mas também não é salgada. Lambe a glândula. Obstina-se a lambendo a glândula enquanto o sol começa a cair. Lento. Duvida se está a cair ou simplesmente a aumentar de tamanho no reflexo de um espelho. Aumenta? Cai? Lambe-se em compulsão sabendo que o desejo que corre nos testículos se prostra para a conclusão. No término da luz. Mas afinal o sol não aumentava o tamanho. Simplesmente caía. Sobre si. Como uma pluma dourada tocada pela brisa marítima. Nisto, entre ele e o sol passa em voo fulgurante um pintassilgo em chamas. O pênis descalço exclama sem falar. Vê-se abrasar. E em voo rasante. Não falava mas contudo aumentava a sensação auditiva enquanto as águas turbilhavam. Cada vez mais perto. Emocionava-se com a génese a florescer. Sentia-se uma lua que a qualquer momento sairia de dentro de si mesmo rasgando velozmente os céus. Do negro ao azul e novamente ao negro. Atravessando a erectoesfera. O infinito. O calor aumentava enquanto o sol se abatia

mais e mais sobre si. Observou a fenda solar a dilatar e a contorcer-se. Fazia escorrer sobre si um turbilhão de fluídos. Eram gotas de suores que não eram salgados. Lambeu novamente a glândula. Como um furacão tenta atingir os céus sem sair do sítio. Rodopiava sobre o seu eixo. E sentia o vento de si mesmo a levar e a trazer os suores. O sol caiu então sobre o pênis descalço. Completamente. E ele sentiu-se penetrar nas vísceras húmidas da deificação. Ele era deus.

medo

Nisto o negro.

(Batida seca de tambor.)

A erectofagia solar.

(Três batidas seca de tambor.)

A morte.

(Silêncio.)

(Entra a morte. Sonho deixa cair os braços sobre as pernas em exaustão.)

morte

Estes domínios chamam-me como o alvoroço das gaivotas assustadas pelo raio. Serei a voz da resposta a uma última paz que abrande a batalha solitária. Até uma extinção. Como o sopro seco e sensível apaga a vela para que as trevas se deleitem no absoluto.

(Coloca um saco negro em cima da cabeça de mercurino. Com uma faca faz um pequeno golpe. Líquido vermelho escorre do saco negro pelo corpo de mercurino.)

Peço-te que partas sono, meu irmão. A tua estadia atingiu o término. É uma lisonja absorver a dignidade imaculada da tua nuvem. Dissipa-se nos céus para não não mais se formar. Não obstante é bela. Embora já não consigas chover. Nem fazer sombra aos raios cintilantes do sol negro. O medo clamou-me bem alto. e o sonho não conseguiu esconder esse bramido entre as suas melodias cintilantes.

sono

Sapiente irmã, confio este ser aos teus cuidados. Dissipo-me como a neblina de uma manhã extenuada.

(Beija a mão da morte e sai.)

morte

Louvável sonho, esplendor guerreiro de cores pluriformes, melodia suave da transmutação da existência, louvo-te as façanhas. E que esta derrota nunca te faça menosprezar a potência das tuas virilidades. Pois é chegado o tempo de partires. O medo tomará o teu lugar. A nossa trindade irá encarregar-se de finalizar o esfacelamento da vida.

sonho

Poderosa morte, confio este ser à



“Testículo ante testículo tenta ir mais adiante. Mais à frente. Mais longe.”

presença ribombante do medo.

(Retira as correntes do seu corpo. Beija a mão da morte e sai. Medo ocupa o seu lugar.)

morte

(Pinta todo o corpo de mercurino de negro.)

Incansável pesadelo, desejo que as forças ainda te ericem as viagens. É sempre um excesso que exponencia a inexistência. Peço-te a última viagem. Para o vazio. O esforço finalizante que se encarrega de mover a vida para o abismo da serenidade absoluta.

pesadelo

A força revigora-se com a tua imponente presença. Mais se multiplica quando o medo me serve neste derradeiro duelo.

(Reitera.)

A última batalha.

morte

Finalizemos a hermenêutica.

(Aproxima-se de pesadelo.)

Por intermédio do licor do espírito te invoco para a última viagem inconsciente.

(Pega no jarro e enche a caneca.)

Que a imaginação te escorra em incandescência.

(Ergue a taça.)

Penetra-o sem limites.

(Dá-lhe a taça. Pesadelo bebe lentamente enquanto respira fundo.)

E a ti meu guerreiro insondável.

(Aproxima-se de medo.)

Por intermédio do licor do espírito te transmuto em terror.

(Pega no jarro e enche a caneca.)

Que engulas a existência através dos teus laivos.

(Ergue a taça.)

Penetra-o sem limites.

(Dá-lhe a taça. Medo bebe sufocadamente.)

pesadelo

(Em transe.)

O pénis descalço vagueia na ponte. Parece-lhe que desde sempre que a percorre. Nada muda. Nada aparece. Testículo ante testículo tenta ir mais adiante.

Mais à frente. Mais longe. Mas enquanto se move o sítio permanece. Por baixo da ponte vislumbra um nevoeiro denso. Estático. Assemelha-se ao nevoeiro da eternidade. Então sente gotas frias a descenderem e a ascenderem sobre si. Como uma masturbação líquida. Onde a libido rompe para o estorrecimento. Ficou tumefacto. Numa introspecção de nenhures.

medo

(Duas batidas secas de tambor.)

pesadelo

Recheado de vazio.

medo

(Duas batidas secas de tambor.)

pesadelo

Apenas a ansiedade.

medo

(Duas batidas secas de tambor.)

pesadelo

Uma ansiedade que pulsava o sangue para as suas guelras. Viu surgir lábio ante lábio uma vagina descalça. Vinha esguia e em determinação. O clitóris parecia inspeccioná-lo nas entranhas do ser. E do ter. Mas só parecia. O pénis descalço ousou pensar que o nevoeiro ascenderia para o esconder. Para o encobrir do medo. Limitou-se a continuar tumefacto na inexistência de nevoeiro à sua volta.

medo

(Duas batidas secas de tambor.)

pesadelo

A vulva descalça circundou-o. Observou-o atentamente de alto a baixo. Como se o masturbasse com visões. Atenta ao mínimo movimento que ousasse existir. Uma autoridade do silêncio onde apenas os cheiros se libertavam fulgurantes rumo aos céus em rodopios bailados. O pénis descalço inalava sem se emocionar. Imaginava controlar a pulsão sanguínea com a vacuidade da sua consciência atemorizada. Soube que não conseguia esconder o terror.

medo

(Batida seca de tambor.)

pesadelo

A vulva descalça inebriava-se com o odor a terror e dançava sem sorrir. Pois o propósito era outro. Retirou de dentro de si mesma uma enorme pedra. Pousou-a. Retirou também uma corda que parecia não ter fim. As suas entranhas

seriam infinitas? O pénis descalço suave mais. Sentia os testículos latejarem em crescente pânico.

medo

Pânico.

(Batida seca de tambor.)

Pânico.

(Batida seca de tambor.)

Pânico.

(Batida seca de tambor.)

Pânico.

(Grito.)

Pânico.

(Três batidas seca de tambor.)

pesadelo

A vulva descalça amarrou uma ponta da corta aos testículos do pénis descalço. Fazendo com eles uma massa disforme aparentemente pronta a rebentar. Era uma amálgama de restos de vida que partilhava em comum o laço afectivo da corda. A latência asfixiava no nó e não saía. Implodia.

medo

Implosão.

(Batida seca de tambor.)

Implosão.

(Batida seca de tambor.)

Implosão.

(Batida seca de tambor.)

Implosão.

(Grito.)

Implosão.

(Três batidas secas de tambor.)

pesadelo

A vulva descalça amarrou a outra ponta à pedra. Pegou nela com a subtilidade de um nenúfar. Olhou uma última vez para o pénis descalço. Atirou a pedra da ponte. Rumo aos nevoeiros.

(Deixa cair os braços sobre as pernas em exaustão.)

medo

O tempo escorreu em cascata.

(Grito.)

Secou.

(Pesadelo e medo retiram as correntes dos seus corpos e saem. A morte dança em volta de mercurino e retira as correntes do veículo.)

morte

(Em transe.)

Em cima da ponte mercurino solta um último grito estridente enquanto inúmeros pintassilgos em chamas rasgam os céus.

(Abraça-se a mercurino.)

Bem-vindo meu filho. Como te amo.

(Caimento de panos.)



Apocalypse, Please

Aires Ferreira

O propósito do ser humano não é tema que nos aflija muito, pois não? Fala-se pouco do assunto, como se lhes fôssemos alheios.

Não raramente deparamo-nos com dificuldades em perceber o nosso próprio propósito quanto mais o da raça humana. No entanto, o problema está precisamente na incapacidade de compreender que tu e eu somos parte desse mesmo propósito; este depende, exclusivamente, de cada um de nós. Como peças numa máquina. E como em todas as máquinas, quando os componentes falham, *caput machina!*

Sem parafusos o caça-super-sónico-que-bombardeia-campos-de-refugiados-da-síria jamais levantaria voo. Mas certamente que não o faz apenas e só pelos parafusos; é necessário comando, direcção. E é isso que acontece com as pessoas; os fracos estão cá para justificar os fortes, como diria o outro. O gado, enquanto não evolui, vai alimentando as necessidades dos capazes, por este ou aquele motivo, a guiar isto.

Aparentemente já estivemos pior; prestes a entrar numa idade de abolição da religião, quebra de tabus morais que atormentam milhões há centenas d'anos, tecnologia a rodos e hotéis em Marte.

Está-se bem no planeta azul.

A tecnologia desenvolve-se exponencialmente e não tarda estamos todos sem emprego. Com tudo fácil, com tudo rápido, com tudo automatizado. Parapelégicos a correr a maratona, robôs, futurismo e música chungu como se estivessemos nos oitenta outra vez, mas desta vez a sério. Desta vez os milagres acontecem, a tecnologia resolve e etc.

O que eu vejo são gordos que se arrastam de montra em montra como se a ironia de Romero tivesse feito desta gente verdadeiros mortos-vivos. E não penses tu, ignorante da história, que isto é inédito.

Quantos não ergueram a voz contra um muro, e quantos não continuaram a bater com os cornos num? Quanta puta viste a aprender yoga e pilates sem terem a menor disciplina mental que tais artes obrigam? Quantos vegan-anti-touradas-anti-maus-tratos-dos-animais não enchem de dinheiro um CEO da Green-Empresa-Multinacional-Lda que tem sofás em casa feitos de pele de foca bebé?

Sois tão idiotas ao ponto de dizer que *"o mundo vai acabar porque os maias disseram!!"*. Primeiro, o mundo não acaba. As pessoas é que estão tão egocêntricas como nos tempos do heliocentrismo.

Segundo; quais maias? Quantas horas passaste a estudar a civilização Maia? Sabes alguma coisa que não tenhas visto no youtube em vídeos de menos de dez minutos?

Compreender o porque do no ano passado o prémio Nobel de 2010 ter garantido a continuidade da protecção sacro-santa a Israel dá trabalho. Saber o que é crescimento exponencial e de que forma nos afecta, ainda mais. Mas preferes fingir-te inteligente ao dizer quantas ordens do satã existem ou quantas edições fez o merdas do Crowley, não é?

Como é do conhecimento comum, creio-nos vírus. Nada mais, nada menos. Estamos cá para consumir recursos. Para nos multiplicar e migrar a cada planeta destruído. É esta a ideia que os vossos Maçónicos / Cristãos / Judeus vos querem fazer perceber como certo e sempre com o lema *"vamos ser muito felizes e mostrar que somos capazes porque não há nada melhor do que o ser humano"*.

Não creio na desvirtuação pois nem sequer sabeis o vosso propósito, pois ele não existe. Sois somente um ínfimo componente de uma massa nascida para servir, e esta será a vossa condição, eternamente.

Evento Violento Desconhecido

Júlio Mendes Rodrigo





“Ai, Wendy, que eu só queria ensinar-te a voar, falar-te dos piratas, índios e feras da Terra do Nunca, e aqui me tens, a dar-te uma lição de metafísica sobre o problema do tempo! Mas não te vás abaixo minha menina: vamos subir, subir...”

Monólogo décimo sétimo: Fala Peter Pan (em *Criaturas do Ar* de Fernando Savater)

Não é meu ensejo inventar aqui um qualquer Volucrário (Tratado de zoologia medieval subordinado apenas às aves), com o intuito de, uma vez mais, enfatizar os males do mundo moderno. Todavia, e em consonância com Gaston Bachelard, entendo que *“se déssemos mais importância à Imaginação, veríamos muitos falsos problemas psicológicos esclarecidos.”* É nesta linha que posiciono o presente texto.

O meu fascínio pelos Seres/Objectos alados, reais ou imaginários, onde também se encontram os pássaros, remonta às primeiras recordações da minha Infância. Para mim, naquela época, vim a descobrir mais tarde, estes seres representavam os limites da fronteira estabelecida entre o que é a Natureza e, aquilo que actualmente entendo como Cultura. De acordo com a minha biografia pessoal, essa fronteira, que foi precocemente transposta com três anos de idade num baptismo de voo realizado entre Porto/Düsseldorf, ainda hoje me arranca um sorriso de melancólica nostalgia de um Tempo Perdido. Similar sorriso também me é arrancado quando relembro uma viagem aérea ao reino de Marrocos, onde em companhia amiga, se percorreu de forma amena sobre a “Magia Negra” que permite elevar os seres humanos à altitude exacta em que Ícaro derreteu as suas asas.

I

“The world is indeed comic, but the joke is on mankind.”

H. P. Lovecraft

Há milhares de anos atrás, quando o Homem abandonou a sua condição nómada, e encetou um longo processo de domesticação e de subjugação de outros animais, estaria bem longe de imaginar

que esta relação de supremacia nem sempre se encontraria garantida. Pelo menos na sua totalidade. Nesta renovação cíclica que é a Vida, o Homem nem sempre é o elo mais forte. Ao longo dos milénios, a Natureza também tem sido madrastra para com a Humanidade.

Creio que ainda se encontra bem presente na nossa memória colectiva, a ameaça de uma pandemia à escala global, que pairou no *dealbar* deste novo milénio (circa 1997/2005). Estou a referir-me obviamente, como o leitor já terá descortinado por antecipação, ao famigerado vírus H5N1 (Gripe das Aves). Foi num ambiente de confortável letargia proporcionada pelo desenvolvimento civilizacional – material em detrimento do espiritual – que a Humanidade se viu confrontada, uma vez mais, com os medos característicos de uma qualquer epidemia saída directamente dos terrores da Idade das Trevas. No actual estado de desenvolvimento da Humanidade, a emergência de uma peste mortífera mais parece um qualquer devaneio típico dos designados filmes catástrofe, que (já) fizeram época.

Estranho será também, para os mais incautos ou para os menos informados, que gozam de um doce conformismo proporcionado por sociedades que vivem a sua presente riqueza como um dado perfeitamente adquirido, tomarem consciência de que tal nem sempre foi assim. Isto é, a Humanidade tem vindo a evoluir, através de uma constante e aparentemente perene, tensão de forças com a Natureza, da qual ainda é, até mais ver, parte integrante. Todavia, esta evolução tem proporcionado uma interligação do falso e do verdadeiro, de maneira que os heróis imaginários parecem mais verdadeiros do que os verdadeiros e onde se alcança o estatuto de ídolo através das “cantorias” em paupérrimos programas televisivos, ou ainda através do pontapear de uma bola de futebol. É neste clima de imagens sintéticas, que o homem contemporâneo vive uma existência de manada, confortavelmente protegido pelas estruturas mentais legadas pelo Positivismo.

Como um dia afirmou Aristóteles, o homem é um animal político, não vive isolado, mas sim no seio de uma sociedade onde convive com outros homens. Destes encontros, e já agora também desencontros, nascem trocas da mais distinta ordem. Numa perspectiva de permuta e intercâmbio, trocam-se ideias e sentimentos. Mas também se transmitem doenças, de cariz genético, infeccioso ou ambiental. Durante muitos séculos, a Humanidade hesitou na interpretação a dar às diversas patologias. Os discípulos de Hipócrates entendiam



“os humanos deverão ser definidos pela sua capacidade de raciocinar e pela qualidade das suas almas.”

que estas tinham causas, e que, se as mesmas fossem conhecidas, as doenças poderiam então ser prevenidas e tratadas. Uma outra facção entendia, e entende ainda, que as doenças eram/são enviadas pela divindade enquanto forma de manifestar o seu desagrado ou Amor.

Obviamente que o Homem partilha o planeta com outros animais. Esta partilha assenta numa relação de Poder, que, no actual estádio da História, lhe é visivelmente favorável. Entre as várias espécies que habitam a Terra, as aves representam um importante papel para o Homem. Para além de evidenciarem uma carga simbólica: a águia os Estados Unidos e o galo a França, por exemplo, encontram-se ainda numa matriz cultural colectiva que perpassa a literatura e o folclore. Os contos populares encontram-se repletos de melros e pegas que falam, de corujas de mau agouro, ou ainda de rouxinóis e cotovias incumbidos de transportar as mais belas cartas de amor.

A história da Humanidade encontra-se intimamente ligada às aves. Inveja-lhes a beleza, o canto e capacidade de se libertarem das leis da gravidade. Característica que só muito recentemente foi conquistada, através da Técnica, ou seja, uma vez mais, da subjugação da Natureza à Cultura. No entanto, ao longo da História algumas aves foram deificadas, como aconteceu com o falcão no Antigo Egipto (Hórus). As aves, pelo menos algumas, fazem parte da nossa alimentação e é-lhes ainda reconhecido o papel crucial no controlo dos insectos, num mundo que o Homem gosta que apenas penda para o seu lado.

II

“Que no Verão de 1896, nas ruas de Baton Rouge, Luisiana, e de um «céu límpido», caíram centenas de pássaros mortos. Havia patos selvagens e pássaros-gato, pica-paus, e «muitos pássaros de estranha plumagem», alguns deles parecidos com canários.”

Charles Fort em *O Livro dos Danados*

Permitam-me que, de forma metafórica, veja neste relato do mestre mais querido de Louis Pawels e Jacques Bergier (autores da *forteana* obra *O Despertar dos Mágicos*), a queda suicidária melancólica, na acepção cunhada por Freud e por ele designada de *Niederkommenlassen*, («deixar(se) cair»). Nesta perspectiva, e num assumido devaneio herdeiro da concepção de Imaginação Criadora, formulada por Gaston Bachelard enquanto forma de apreensão e recriação da realidade, permito-me tecer

um bosquejo que alegoricamente raia os limites da ornitomania enquanto arte divinatória praticada na Antiguidade. Confesso que a génese de tal devaneio radica no visionamento do filme *A Zed and Two Noughts* (1986) de Peter Greenway. Quem já o visionou recorda-se com certeza do momento em que um cisne branco – (evocando os cisnes sagrados utilizados pelos Gregos cujos voos eram analisados na perspectiva de se tecerem presságios, neste caso concreto, de morte) – em voo suicida, colide com o pára-brisas de um carro. Este acidente, de forma simbólica, ocorre no caminho de Swan e culmina nas mortes das esposas dos protagonistas do filme, os zoólogos e irmãos gémeos Oswald e Oliver Deuce.

O já anteriormente referenciado Aristóteles, argumentou em *De Anima* que os humanos deverão ser definidos pela sua capacidade de raciocinar e pela qualidade das suas almas. As plantas têm uma “alma nutritiva”; absorvem o alimento, crescem e multiplicam-se. Os animais não humanos, como os pássaros possuem além disso uma “alma sensitiva”; sentem e percebem. Nesse sentido, têm alguma espécie de ideias. Mas apenas os humanos têm uma alma racional.

A ornitóloga Srª Bundy (Ethel Griffies), personagem do filme *Os Pássaros* (1963) apoia Aristóteles ao afirmar que nem os corvos nem os melros têm “*inteligência suficiente para lançar um ataque em massa. Os volumes dos seus cérebros não são suficientemente grandes*”. No entanto,





é do conhecimento geral, que os pássaros conseguem fazer inferências e ligar ideias. Os pombos, por exemplo, são capazes de aprender a bicar alvos para receberem comida.

Os Pássaros, obra incontornável de Alfred Hitchcock, é um dos meus filmes favoritos. Assim sendo revisito-o, em média, meia dúzia de vezes por ano. Na minha perspectiva, nesta obra-prima da Sétima Arte, Hitchcock enquanto divertido demiurgo e atento espectador das profundezas da psique humana manipula com inigualável mestria, uma das técnicas clássicas dos filmes de terror. Ou seja, a “ressignificação” do plano objectivo em plano subjectivo – o que pode ser explanado, por exemplo, da seguinte forma: (Uma casa com uma família a jantar - em que a eminência da introdução de um plano subjectivo, com o assassino a espreitar as suas futuras vítimas, nos é apresentado através de marcadores codificados, como por exemplo a “banda sonora”). No filme do realizador inglês, posteriormente radicado nos Estados Unidos, é-nos apresentada a construção de uma subjectividade impossível, que confere à própria objectividade uma carga inominável e monstruosa. Alguns exegetas da obra de Hitchcock, nomeadamente o filósofo esloveno Slavoj Žižek, reconhecem neste filme, bem como noutros de Hitchcock, toda uma teologia herética, que identifica o Criador secretamente com o Diabo (tese anteriormente estabelecida pelos cátaros no século XII). É exemplo desta subjectividade, o famoso plano do incêndio da Baía de Bodega filmado da perspectiva de Deus, que, com a entrada dos pássaros no ecrã, é ressignificado, subjectivado, tornando-se no próprio ponto de vista dos agressores.

No meu entender, o aspecto mais fascinante deste filme, é mesmo a constatação de que a soma de todas as suas partes - aparentemente inseridas num discurso objectivo (registo “diurno” da existência - termina com um grau de subjectivação tremendo. A finalidade desta ambição não é, pura e simplesmente induzir, o espectador num estado de terror e apreensão gratuitos, mas sim enfatizar a dicotomia que caracteriza a relação Natureza/Cultura.

III

“Birds have been on this planet, Miss Daniels, since archaeopteryx – 140 million years ago. There are ‘8, 650 species of birds’ and ‘100 billion birds’ in the world today; should all these species band together, we wouldn’t have a chance!”

Srª Bundy personagem do filme *Os Pássaros*



Este filme é prenhe de pistas de leitura, que interpretadas de forma mais ou menos rebuscada, podem dar pistas para entendermos todo um longo processo de desvirtuação da relação da Humanidade com o planeta. Começarei por tecer algumas considerações genéricas com vista a enfatizar a tensão exposta entre os dois conceitos previamente considerados no parágrafo anterior (Natureza/Cultura).

O filme *Os Pássaros* é vagamente inspirado numa obra de Daphne du Maurier. Supõe-se que a mesma tenha sido inspirada, por sua vez, pelos *raides* aéreos alemães efectuados na Grã-Bretanha no decurso da Segunda Guerra Mundial. Na história original, du Maurier, identifica a capital inglesa enquanto modelo de frivolidade e de impotência perante o decurso dos acontecimentos. O leitor que encete a leitura desta obra identificará um aspecto que causa alguma estranheza. Este aspecto tem a ver com uma “brecha nas Leis Naturais”, que é sugerida pelo relato de voos conjuntos de distintas espécies de aves. Por norma, tal nunca acontece. A justificação encontrada por uma das personagens desta obra, após ter escutado as transmissões via rádio acerca deste *evento violento de origem desconhecida*, é de que a “memória” armazenada no decurso de milhões de anos, nos pequenos “cérebros das aves”, culmina num Instinto de Destruição da Humanidade.

A ideia para a realização do filme, surge em 1960. Neste ano, Hitchcock lê num jornal local, o relato de um estranho acidente. Na cidade de La Jolla, localizada no sul da Califórnia, milhares de aves voaram por uma chaminé, para o interior de uma habitação, da qual expulsaram os seus inquilinos bípedes

despojados de penas. No ano seguinte, 1961, um outro acontecimento de muito maior importância volta a cativar a sua atenção. “*Seabird Invasion Hits Coastal Homes*” era a notícia de primeira página do Santa Cruz Sentinel de 18 de Agosto de 1961. Parece-me legítimo constatar que nestes episódios, assim como em outros de menor relevância, Hitchcock, terá entrevisto os sinais da eclosão de uma guerra que opõe a Natureza à Cultura. Forças/Energias primitivas e irracionais preparavam-se para desvanecer todas as ilusões criadas pela Humanidade.

A própria Melanie Daniels, personagem desempenhada por Tippi Hedren, representa uma dessas ilusões. Não simbolizará, o seu opulento casaco de peles, assim como o seu carro descapotável, o domínio imposto pelo Homem sobre a Natureza? Esta personagem nada mais é do que um “artefacto caminhante” representativo do nosso actual estado civilizacional. Talvez que, o plano que melhor traduz esta oposição seja aquele em que Melanie é subitamente atacada por uma gaivota. Depois de ter deixado um casal de periquitos na casa de fim-de-semana de Mitch, gesto misto de sedução e de provocação, o espectador é tomado de sobressalto pelo súbito acometimento que vitima a personagem. Num plano a roçar os limites do grotesco, observamos o rosto da atriz num encenado e muito culturalizado trejeito pleno de *coquetterie*, que imediatamente é neutralizado pelo ataque da gaivota que a deixa a sangrar. Uma vez mais, Natureza e Cultura colidem. Ataque casual ou justiça Kármica?

Um outro episódio representativo deste conflito surge mais adiante. Refiro-me à cena em que Melanie se



encontra na sala de estar da casa de Annie, antiga namorada de Mitch. Após alguma insistência a professora primária aluga um quarto, apenas para uma noite à nova pretendente do seu (ex) - amado. Enquanto conversam de forma amena, subitamente, ouve-se um barulho. Levantam-se para indagar qual o motivo de tal perturbação e abrem a porta de casa. Deparam-se com uma ave morta caída no chão. "Poor thing," afirma Annie: "Probably lost is way in the dark." Perspectiva optimista que imediatamente é contraposta pela taciturna afirmação de Melanie: "But it isn't dark, Annie. There's a full moon.". Este é, por-

ventura, um dos momentos mais intensos do filme. De novo, a objectivação é substituída pela subjectivação. Quando as duas mulheres se fitam em silêncio, com a porta entreaberta, através da qual conseguimos ver a noite envolvida em ligeiros traços espectrais, ficamos com a percepção de que se abriu um umbral para remotas eras pagãs. Rememoração de tempos ancestrais em que as movimentações das aves eram lidas enquanto presságios e augúrios. Tempos imemoriais em que o Sol, a Lua e as estrelas exerciam uma influência oculta na vida dos Homens.

É ainda nesta dualidade Natureza/

Cultura que o filme nos permite constatar uma das mais pesadas heranças do cristianismo. A "diabolização" da Mulher. Já numa das partes finais do filme, no episódio do restaurante, uma mãe assustada e induzida em histeria pelos ataques das aves, exclama o seguinte: "Who are you? What are you? Where did you come from? I think that you're the cause of all this. I think you're evil!" Todavia, embora esta acusação nos pareça obviamente irracional, transporta consigo a significação da outorga de um poder mítico que não pode nem deve ser descartado. Na verdade, não será Melanie uma espécie de "antena" em sintonia com as mensagens ocultas transmitidas pela Natureza afrontada?

A determinada altura do filme, logo após Mitch encontrar o corpo sem vida da sua antiga namorada, assistimos a uma situação bastante esclarecedora. O rosto de Mitch tolda-se, tomado por uma fúria incontrolada. Prepara-se para apedrejar algumas das aves, quando é interpelado por Melanie. Não estará patente nesta cena, um retrocesso civilizacional? Uma reminiscência do Paleolítico, prova cabal de que o *Homo Technologicus*, ainda que com a ajuda preciosa da sua deusa ciência se encontra completamente inadaptado para compreender na sua plenitude os insondáveis mistérios que a Natureza encerra?

Num mundo, onde nos é incutida a noção de que o fim último da Vida é a acção, tendemos a esquecer que nem sempre foi assim. Platão encarava a contemplação como a forma mais elevada da actividade humana. O fim último da Vida não visava a alteração (culturalização) do mundo, mas sim, possuir dele uma visão correcta. Conseguirá algum dia a Humanidade recuperar da auto - imposta ilusão a que deu o nome de Progresso?

Bibliografia

- BACHELARD**, Gaston – *O Ar e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BAGGET**, David/ **DRUMIN**, William A. – *A Filosofia Segundo Hitchcock*. Alfragide: Estrela Polar, 2008.
- DERENNE**, Jean-Philippe/ **BRICAI-RE**, François – *Pandemia: A Grande Ameaça*. Lisboa: Alethéia, 2006.
- FORT**, Charles – *O Livro dos Danados*. Porto: Via Optima, 2000.
- GOROSTIZA**, Jorge – *Peter Greenway*. Madrid: Cátedra, 1995.
- PAGLIA**, Camille – *The Birds*. London: Bristish Film Institute, 1998.
- SAVATER**, Fernando – *Criaturas do Ar*. Porto: Ambar, 2007.
- ZIZEK**, Slavoj – *Lacrimae Rerum*. Lisboa: Orfeu Negro, 2008.



O Mito do Homem Absurdo

José Macedo Silva



“Ter escravos não é nada - dizia Diderot -, o que é intolerável é ter escravos chamando-lhes cidadãos”.

M. Domenach

E é desta forma - magistral para mim - que início o texto para a presente edição da Infernus.

Nada mais tem, ao longo da história humana, desestruturado o Homem que a falta de liberdade, e, como tema, tem no percurso do pensamento filosófico / científico uma posição ígnea.

É sempre difícil definir o que entendemos por liberdade, porque, como ser no mundo, o homem esteve, está e estará sempre condicionado por mecanismos físicos, biológicos e socio-políticos. Nestes termos a liberdade parece-nos sempre comprometida, condicionada, restando-nos materializar/realizar nas nossas vidas o tão belo poema de Miguel Torga:

*Livre não sou, que nem a própria vida
mo consente.
Mas a minha aguerrida
teimosia
É quebrar dia a dia
um grilhão da corrente.*

Para o autor (Domenach) com que inicie o texto a liberdade é algo de vago e impossível de definir - “liberdade, uma palavra vaga, impossível de definir para além de uma determinação: liberdade de fazer isto, ou aquilo...” Num termo generalista podemos caracterizar a liberdade por uma falta de constrangimento, uma “porta” aberta para algo mais além.

Jean Marie Domenach observava o poder, independentemente da sua natureza e origem, nomeadamente o político, como um dos mecanismos que condicionam a liberdade: “qualquer que seja a sua origem e natureza o poder tende a destruir as liberdades, quer interditando-as, quer neutralizando-as - e não por uma vontade consciente, mas porque toda a liberdade que ele não controla, parece-lhe perigosa, ou pelo menos supérflua. “A política - dizia Lamartin - é, a eterna decepção da liberdade.””

Cada pensador, pensou a liberdade de maneira diferente, não lhe atribuindo o mesmo significado. Para Espinosa, a liberdade era o estado pelo qual o ser humano realiza a sua verdadeira natureza, mas uma liberdade definida pela moral, e nunca a liberdade é propriedade da vontade. Só é livre uma causa que existe “apenas pela necessidade da sua natureza e só por si é determinada a agir”; isto em Espinosa é irrefragável.

A liberdade de Espinosa define-se por algo interior, e só somos livres de-

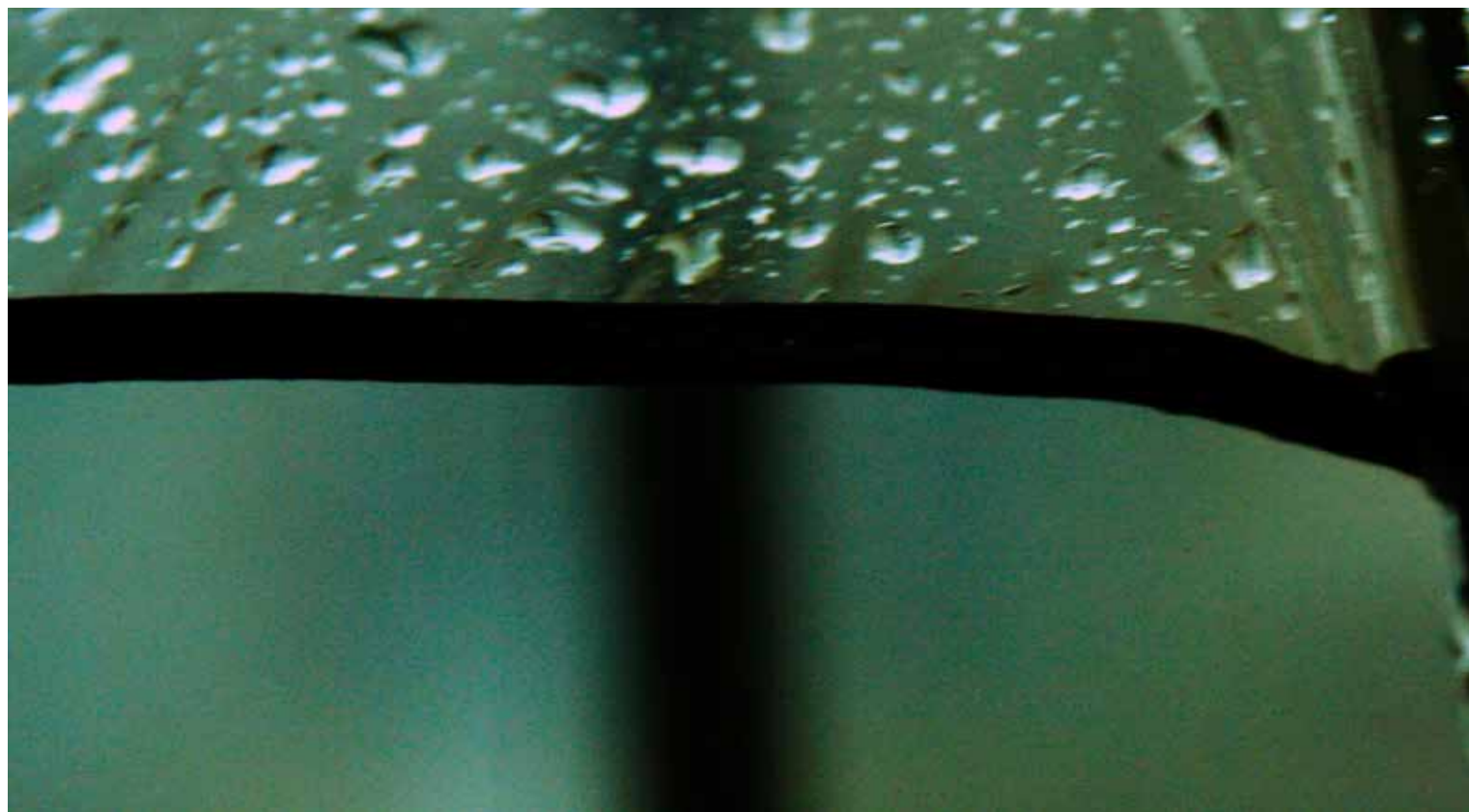
vido à nossa essência, nunca por determinação da nossa vontade. Para ele a liberdade é uma ilusão fundamental da consciência na medida em que acredita na acção voluntária da alma sobre o corpo - “o homem não nasce livre, torna-se livre”.

Hegel, filósofo alemão, pai do idealismo clássico germânico, via o dever como uma forma de libertação, libertando o homem da dependência dos instintos naturais, e da subjectividade indefinida: “no dever, o indivíduo liberta-se e atinge a liberdade substancial.”

Já Kant, vê a liberdade como uma questão moral e não física. O homem é livre quando se assume na dimensão de personalidade, quando ultrapassa a sua animalidade e racionalidade. A liberdade permite ao sujeito a observância da lei pura, moralista, da razão prática, da sua autonomia - “a lei moral determina a vontade”.

Camus, filósofo e escritor francês, questionava-se “que liberdade?”, na obra *A Queda*, ao relatar a trágica história de um homem bom, um coração puro que se recusava à desconfiança. Um indivíduo libertário, uma alma de escol estripada em sua casa por quem ele abrisse a porta de entrada.

Sartre, refere-se à liberdade como condição de acção, afirmando que a





mesma só existe na decisão: *"o homem é não apenas como ele se concebe mas como ele quer que seja; o homem não é mais que o que ele faz, um projecto que se vive subjectivamente."* Ou seja, quando realizamos um acto, seja ele qual for, e realizamos o homem que queremos que ele seja, simultaneamente criamos uma imagem do homem como julgamos que deve ser.

Este processo torna-nos responsáveis, e envolve toda a humanidade: *"sou responsável por mim e por todos, e crio uma imagem do homem por mim escolhido: escolhendo-me, escolho o homem"*, dizia Sartre, uma liberdade em situação e não abstracta.

Após vários pontos diferentes do conceito de liberdade sobeja o género humano, globalizado, e pouco livre, que não poderá por mais tempo suportar tamanha realidade, a dos dias de hoje, vive, ou melhor sobrevive, e cada homem tem de descobrir o seu próprio caminho. Só e sem desculpas, ele primeiro existe e só depois se faz.

Não podemos separar o indivíduo do seu meio circundante, uma ominosa relação Homem-Mundo, e sem perder o seu ego, e ao mesmo tempo ele está em desequilíbrio no Universo - aí está um tremendo paradoxo.

E se por ventura o homem perder o seu ego, não chega a ser ele próprio, e se não chegar a ser ele próprio, morto o seu individualismo, é justamente o desespero mortal, e isto é funesto por-

que a lista de pressões sobre o homem moderno é fatigante e sempre cada vez mais incompleta; até mesmo o progresso científico, quando desmedido, se torna num factor de "poluição", não só da natureza mas da própria "alma" humana, inclusive. Este não se limita a transformar a natureza, elimina-a.

O homem transformado em modelo-consumidor, impelido a comprar consoante a sua fantasia do momento, perdura os seus pontos de referência naturais, e remanesce-lhe simplesmente a morte clínica e biológica.

É sobre ela que se focalizam todas as angústias; angústias que a modernidade não consegue esconder, porque ela, a morte, é universal, natural e vive o nosso quotidiano.

Parece por vezes que só acontece aos outros, só "eles" é que morrem, não eu, nunca eu, isso não, nunca me acontecerá, sobretudo se se é jovem e saudável, e assim a morte é vivida hoje como um acidente escandaloso, brutal, surgindo inesperadamente, pois esquecido está que a vida é um processo de morte; - *"e que porra, ninguém toma o meu lugar por mim!!!"*, dizemo-lo num suspiro solitário, como um sussurro.

Ela é corte entre o vivo e o morto, entre a pessoa e o cadáver, entre o ontem e o hoje, e um talvez amanhã. E, ela, está em toda a parte, não há instantes, e vive como um processo natural desde o nascimento.

O que nos resta após toda a quin-

quilharia e maquinaria que preenche e ensombra o nosso coração, e ainda para mais com a morte sempre por perto?

Camus falou de um mito, o mito de Sísifo, o homem absurdo; é preciso imaginar o homem absurdo de Camus feliz carregando a sua pedra montanha acima montanha abaixo, cheio de luta no coração; ele é superior ao seu destino, mais forte que o pesado rochedo que carrega. É preciso imaginar o homem moderno transformado no próprio mito do homem absurdo.

Para Ponge *"o homem é o futuro do homem"*, concorda Sartre, pois sem presente não haverá futuro.

O homem de hoje deve-se libertar das amarras de toda essa quinquilharia e maquinaria que o adorna e o adormece, e só no prazer este se poderá (re)encontrar, abandonando a posição de simples escriba, pois só como o homem da noite que tudo fez, de Gertry, haverá criação estética e imaginário, e sem ambos remanesce a vida comezinha do dia a dia e os deuses escorregados e pré-fabricados que nos acompanham à praia, aos comícios e ao café.

Epicuro disse, num artigo maravilhoso: *"Chamamos ao prazer princípio e fim de viver feliz"*. É perfeitamente belo e ingente, e não é senão segundo o prazer das "coisas" que diariamente se podem abrir os olhos neste mundo cada vez mais forâneo e estranhamente mofino.





Melusine de Mattos

Entrevista

Mosath

Numa conversa estimulante e repleta de energia intelectual, conheci melhor Melusine de Mattos.

Entre performances de spoken word, trabalhos de escrita, investigação e deleites mundanos, a entrevista também foi assinalada no ângulo de celebração da Vida, da conquista de resultados e da mecânica introspectiva; entrevista que vos apresento, sem demoras.

Como é que te describes quanto à personalidade? Que maior qualidade realças e que defeito?

A minha personalidade, felizmente, está em constante mutação. Não acredito em pessoas estanques, a não ser que sejam totalmente focalizadas nos seus instintos mais primários e nas funções mais básicas da sua fisiologia. Uma mente que se indaga constantemente perante o seu ego jamais poderá ser uma constante. Sou, em processo de metamorfose, simplesmente. Assim sendo, creio que o meu maior defeito e a minha melhor qualidade se entrelaçam como a serpente: tenho um profundo desprezo pela estupidez e pela ignorância.

Sensivelmente, de há dois anos para cá, que acontecimentos é que destacarias na tua vida e o que é que tens realizado, profissionalmente? Fala também de algumas dificuldades com que tens deparado.

Tenho-me dedicado à escrita poética e tenho feito colaborações em publicações de diversos panoramas esotéricos. Não gosto de me cingir apenas a um tema fixo, nem a uma forma fixa. Dá-me prazer escrever sobre temáticas diferentes. É uma forma de manter as roldanas do pensamento bem oleadas. Tenho feito algumas incursões pelas produções áudio também. Colaborei no Tombo Primeiro, um irreverente trabalho lançado pela Necrosymphonic Entertainment e que conta com a presença de autores que eu admiro imenso, nomeadamente

o Gilberto de Lascariz, o Aires Ferreira, o David Soares e o Charles Sangnoir. Colaborei também num dueto com o Charles no seu último trabalho discográfico de La Chanson Noir e tem sido gratificante subir ao palco e ver que as pessoas ainda se revêem no glamour decadentista em pleno séc. XXI. O meu próximo livro de poesia, Degraus de Fogo, será ainda este ano editado pela editora Zéfiro. É um trabalho do qual me orgulho particularmente.

Falas do teu mais recente trabalho poético. Escreveste um livro de poemas intitulado 'As 13 Chagas do Desejo'. Quais consideras serem os pontos que os unem ou os dividem enquanto obras poéticas?

O meu primeiro livro 'As 13 Chagas do Desejo' é um livro que nos remete para um universo onde o Erotismo é explorado, através de uma estética muito pessoal, como forma de atingir a gnose. Torna-se transgressivo na medida em que nos incita a usar a sensualidade e o corpo e a descartar a razão para podermos vislumbrar a nossa verdadeira essência, enquanto deuses em potência que somos.

O meu novo trabalho é fruto de um amadurecimento de ideias e de um conjunto de vivências ritualísticas. Tem, por isso, um pendor mais noir, facto que o torna assertivamente luminoso.

Agora, abraçando a temática desta Infernus, como é que avaliarias o presente momento da Humanidade e quais achas serem os truques para um cenário humano mais salutar, artístico e triunfante? Entendes que o Homem possui um propósito infalível ou falível?

A humanidade está viciada num padrão de visão do mundo que não deixa de ser uma gigantesca peneira que filtra a verdadeira luz do sol. Qualquer ser

humano, munido da Verdadeira Vontade, pode encontrar ferramentas esotéricas para trabalhar o barro mundano de que é feito e reencontrar a luz da Gnose Luciferina, aquela que permite a união consigo mesmo, a fusão com a sua própria essência e que conduz à realização do verdadeiro destino aqui, neste plano, neste agora. Inevitavelmente, se todos tivéssemos a audácia de sair do conforto dos nossos grilhões, já nem teríamos dificuldade em ver um mundo melhor. Os véus das ilusões cairiam, tal como todas as filosofias, valores, morais e políticas. O resultado imediato seria uma melhoria qualitativa da vida neste planeta e certamente seria mais saudável. Descartando as retóricas, sabemos bem que a tarefa não é fácil e é mais cómodo não termos trabalho nenhum. O narcis-

Uma mulher de descobertas, de experiências e de fogo, com quem se aprende a valorizar o caminho da Vontade. Conhecer tão carismática personalidade faz brilhar mais o horizonte desta Infernus, debruçada no papel escrito ou por escrever do Homem.



sismo não passa pelo espelho, mas pela demanda cega de objectivos mesquinhos que fingem mascarar os heróis da sobrevivência numa selva de acorrentados. Prometeu tentou dar o fogo a todos os homens, poucos foram os que se deixaram iluminar por ele. Não tenho esperança num despertar conjunto da humanidade. O egoísmo impede-o sempre! Acredito que, através da expressão artística, alguns se podem aproximar do centro de si mesmos. A Arte sempre foi a ferramenta por excelência, mas até isso conseguiram negar!

Profecias deste final de 2012: comentários a fazer e o que é que costumam ouvir a sair da boca das pessoas à tua volta?

É um tema que não me diz nada. As profecias de Nostradamus são interessantes quando se tem 14 anos. O calendário Maia é algo que me passa completamente ao lado. Creio que a humanidade tem este pendor para o sofrimento por antecipação e foi por isso que

a ideia de Cristo pegou tão bem. Há uma necessidade de angústia e de ânsia que depois se dissipa, qual milagre, devido a esse reduto a que se chama esperança ou fé. Relativamente ao que sai da boca das pessoas relativamente a este assunto, é coisa que não ouço. Sou afortunada e tenho uma audição muito selectiva. Descartando qualquer laivo de arrogância, prefiro francamente ouvir as moscas do que banalidades proferidas como se fossem pérolas de sabedoria.

Gostarias de invocar críticas às redes sociais, aos media (quando focam assuntos como Satanismo, o Oculto e de subversão ou contra-corrente) e ao tratamento dado às matérias político-religiosas? Se sim, quais?

Não sigo com muita atenção o que se passa nos media porque me enfadam de morte. Já não tenho paciência para discursos mal articulados, para pontos de vista pouco idóneos e para imbecilidades de falsas moralidades. As notícias que acompanho tanto me causam uma

hilariante gargalhada como uma náusea sartriana. Os media têm ainda muito medo de sulcar os meandros menos mediáticos do esoterismo e do ocultismo. Quando o fazem, caem no ridículo e criam cenários de cartoon com muita fantasia e muito medo à mistura. É inútil tentar encontrar uma entrevista, uma reportagem ou um artigo sério e decente sobre estes temas nos meios mais consumidos, ou seja, televisão, jornais ou revistas e internet. Chega a ser ridículo verificar que no séc. XXI a nossa sociedade é bem mais puritana, muito menos inquisitiva e tremendamente mais supersticiosa do que era a sociedade dos anos 50. O puritanismo abriu portas ao medo e o 'receio' silencia a curiosidade; daí é um passo até se fechar a porta a tudo o que é diferente da catequese do seio familiar.

Melusine, tendo em conta que resides em Portugal, que países te inspiram?

Morei e estudei um ano na Alemanha, país que me recebeu de braços abertos e que me enriqueceu imenso, dando novas perspectivas daquilo que é um estado de direito. Para mim a Alemanha não deixa de evocar o Romantismo alemão que tanto me apraz. A Alemanha é poesia, filosofia e audácia, irreverência e contracultura! O negrume dos seus céus é perfeitamente equilibrado pela alvura dos seus nevões, tal como os vales e as montanhas. É um país de lendas, de contos e fábulas, mas também da razão pura. A Alemanha é o ventre negro de uma terra sempre parturiente de ideias.

Não obstante esta paixão germânica, devo dizer que o sul da Inglaterra e a Bretanha francesa são duas regiões que apelam ao mais profundo das minhas memórias atávicas. São locais que me incitam a sair de mim mesma para



"Já não tenho paciência para discursos mal articulados, para pontos de vista pouco idóneos e para imbecilidades de falsas moralidades."



procurar, em sonho ou em visões, aquilo que Crowley designava como a Verdadeira Vontade. Sempre que se proporcionar uma viagem a esses dois locais de referência, certamente que o farei.

Descreve a(s) fonte(s) de inspiração para o teu dia-a-dia e para a tua arte.

A inspiração é a minha amante e a minha madrastra. Não temos uma relação muito consensual nem linear. Tudo me inspira e tudo me desinspira. Eu e a minha escrita temos uma relação de amor-ódio, de fruição e desespero. Inspiro-me na vida e na morte, em tudo o que vejo e ouço, nas pessoas com quem me cruzo, na música que escuto, nos livros que leio, na natureza e na passagem do tempo. A minha vida onírica e a minha vida esotérica têm um papel fundamental nesse processo de fecundação e gestação de ideias e conceitos. Após o parto de um poema geralmente incorro num infanticídio desenfreado. Mas o processo nunca é igual, nunca da mesma forma, nunca cronometrado ou previsto.

Melhores momentos de lazer e de trabalho que tiveste até ao dia de hoje.

Viajar é tanto um prazer como uma forma de trabalho edificante. As viagens ajudam-me a confrontar-me com tudo o que tenho dentro de mim, a criar e a desmistificar partes de mim neste todo em que me encontro. Se pudesse, passaria grande parte da minha vida em viagem...sem destino certo, de preferência.

Melusine, como é que começaste as tuas performances de spoken word e o que é que destacarias? Como é que vês a actual Literatura – nacional ou internacional – e qual é o género que preferes ou que achas que é mais Humano ou Satânico?

As minhas performances são muito pouco ensaiadas, já que deixo sempre espaço para a espontaneidade. A única base que levo é a palavra e o resto é maioritariamente construído em palco. Não creio que tenha proferido um mesmo poema de forma igual. Prefiro que o ambiente, as pessoas, o espaço e a música tenham também um papel preponderante neste estranho ritual de recitação. É uma entrega do corpo ao momento, como num bailado, mas com ênfase no Verbo. De certa forma, são fotogramas de um instante que perpetua a palavra feita livro à posteriori. Relativamente ao panorama literário actual é difícil opinar, pois teria que ter lido tudo o que se tem escrito recentemente. A triagem das minhas leituras assenta nos meus gostos e nas minhas necessidades de pesquisa, mas tenho encontrado valores desco-



nhecidos quer no campo da escrita erótica, quer no âmbito do decadentismo. Sem querer fazer apologias de género, mas simultaneamente revelando uma crescente mudança de mentalidades, temos actualmente muitas mulheres interessantes a escrever sobre erotismo e sobre esoterismo em língua portuguesa, como é o caso da Fátima Vale, da Luísa Demétrio Raposo ou da Cristina Aguiar, entre outras; mas infelizmente a poesia ou a prosa erótica e o esoterismo ainda são nichos de mercado muito marginalizados e desconhecidos nos nossos dias. Ainda assim, temos valores nacionais como o escritor e ensaísta Gilberto de Lascariz, que se faz ouvir não só no panorama esotérico português como além fronteiras, e uma geração arrojada de poetas que recusam a pertença a cânones fossilizados e que ritualizam a poesia na própria pele. Relativamente ao género humano vs satânico, poderá haver preferência? A revolução da gnose luciferina só pode ser feita dentro do homem, logo prefiro o género que explora os trilhos da metamorfose, os limbos e a deambulação entre ambas as vertentes.

Que momento(s) te faz/fazem rir e porquê?

Quem me conhece, sabe que sorrio facilmente. Isso não é sinal de fraqueza ou de tolice, muito menos de facilitismo. O que me incita o sorriso é a Beleza, mesmo sob a máscara cruel da fealdade, e o Mistério oculto em todas as coisas. Só deixo de sorrir quando me dão motivos fortes e, nesses casos, temo que seja defi-

nitiva a morte do sorriso. Rio-me muito de mim mesma, dos meus enganos, das minhas distrações, dos meus erros. O que acicata a minha mais desagradável e cínica gargalhada será certamente a incapacitante estupidez das pessoas.

Qual é a tua opinião no que toca a dominar as rédeas da Vida, à preservação da Natureza e à Arte?

A sua Arte, por excelência, espelha sempre uma Weltanschauung muito pessoal e isso reflecte-se na forma como se manuseia as rédeas da própria vida e na relação intrínseca que o ser humano tem com o meio natural que o rodeia. A Arte Suprema acaba por se desvelar nas várias camadas dos géneros artísticos e eu, que tão pouco talento tenho para pintar ou desenhar, que pouco domino a música e o canto, vejo-me sempre tentada e seduzida a enveredar em trilhos muito desconhecidos como forma de dar voz e corpo a tudo o que sinto e que, em última instância, tento reificar através da minha escrita. A vida sem Arte é algo inconcebível para mim! É vital como o ar que respiro!

Qual mensagem gostarias de deixar aos nossos leitores?

Essencialmente uma: não tenham medo de enfrentar o vosso ego! Para isso há que haver uma recusa tácita de tudo o que é banal, mundano, confortável e estupidamente ludibriante. Experimentem os venenos e os néctares, não cedam à banalidade e afirmem-se como únicos!

O Propósito de Mim enquanto Humano

Lupum

Gira em mim o próximo apocalipse. O fim do mundo está aí, no meu dia de aniversário, dizem eles... Bela bebedeira. Vou encontrar-me com... Com o quê? Com a ressaca do outro dia, do dia a seguir... Qual o meu propósito? Qual o propósito do ser humano? Nascer, crescer e morrer? Foda-se para isso, se for só isso que iremos fazer!



Insistentemente deixamos cá a nosa pegada. Estarei destinado a espalhar o meu sémen além fronteira de mim? Criar um pedaço de mim? Seria um pouco de fracasso enquanto humano... A vida tem tanto para oferecer-me e tanto para os outros. De vez em quando olho para o que fiz, olho para quem fui e olho para quem sou e o que faço! A isto chamo ponderar a minha evolução. Agarrei-me aos objectivos. Serei eu um satanista com os meus próprios pontos chave a roçar mais filosofias? Sem dúvida, atiro logo!

Preocupo-me com causas comuns ao ser humano? Claro que não! O ser humano é uma espécie mesquinha e que não luta pela sobrevivência de maneira igual! Senão vejamos, por exemplo, ecologicamente falando, matamos as nossas árvores, matamos e sujamos e não nos preocupamos com este planeta!!! Somos tão diferentes! Luto por aquilo que acredito enquanto indivíduo e não como um todo!!! Somos da mesma espécie, mas somos tão diferentes. Crescemos estúpidos! Faz parte da aprendizagem, mas depois existem aqueles para quem a vida não passa de estar à porta de um café qualquer a fumar um charro ou a beber uma cerveja... Isso deveria fazer parte do crescimento e não da estagnação social do indivíduo... Combater a ignorância do errado é algo que deveria ser um objectivo enquanto ser consciente e inteligente. Ok, não posso generalizar.

Mete-me confusão a não evolução! Mete-me confusão o estado comatoso destes vegetais que se arrastam! Mete-me confusão abandonar lixo nas matas, abandonar animais...

Preocupo-me com o meu mundo! Será o meu propósito existir para combater desigualdades? NÃO, afirmo eu! Tenho tantas e por vezes parece que não existo. Parece que sou apenas aquela vitrina de uma loja qualquer, em que todos passam por lá, mas que ninguém liga! Não me queixo, pois de vez em quando preciso de não viver socialmente. Preciso de mim em mim. Preciso de saber que ainda consigo não existir!

Não sei se sei o que serei futuramente. A vida é uma constante mudança. Hoje, aqui e assim, amanhã ali e assim ou não. Percorro muitas vezes aquelas estradas, aqueles caminhos verdes secos do calor... Em que penso... Cada acção produz uma reacção... Cada reacção produz uma acção! Interminável a minha pegada neste mundo... O ser humano e a sua capacidade de destruir e criar... Nem sempre por esta ordem. *Curiosity*... Bom nome para um pedaço de humanidade fora do planeta terra... E lá vamos nós deixar marcas... Pro-

pósitos num outro mundo... Estamos quase a destruir o nosso, porque não sonhar...? Continuo na demanda... Continuo a dar um passo de cada vez sem tentar entrar em corridas que me façam cair... Mas, alto!!! Eu já caí.. Mas já me levantei e voltei a cair e voltei a levantar-me, cada vez com mais força, energia e garra! Cair é fácil! O difícil já nós percebemos o que é! No entanto o que nos faz caminhar? O que nos faz arriscar? Somos deuses! Nós concedemos vida, nós tiramos vida! Eu traço o meu caminho. Eu acredito em mim... E no entanto muitas vezes sento-me e sinto que estou doente. Farto de tentar ser contaminado com tanta estupidez... Estarei correcto?

Destruo o pouco de realismo que ainda existe no olhar. Sonho mais uma vez que o apocalipse não será no meu aniversário... Não aquele tão proclamado... O conhecido apocalipse já se deu há muito... Quando este mundo conheceu o ser humano... Tão iguais que somos... Mas tão diferentes... Não te dou a minha outra face pois matar-te-ia se tivesse de ser. Justiça? A minha justiça é a mais correcta para mim.

Não sou justiceiro. Sou satanista! Agora sabes um pouco de mim! Agora talvez penses que saibas o que significa ser humano! Não aquele ser humano ovelha, não aquele ser humano capitalista porco. Coitados dos animais que ofendi! Não se é inteligente só por estar na moda! É-se inteligente para proveito próprio e se eu luto por um mundo melhor é porque acredito em mim. Não é por ti, vizinho despreocupado que vives na tasca ali ao lado... Luto por mim! Luto por saber que vou ganhar! Eu sou o meu propósito! Eu, enquanto ser humano consciente, sou o meu objectivo! Sou eu o meu Big Bang, sou eu o meu apocalipse! Ambivalência! Dou e recebo! Crio e destruo! Estou cá para odiar e amar. Estou cá para defender aquilo em que acredito. Acreditas em mim? Eu acredito em mim!

Vejo e revejo a noite que vem aí... Está tão longe... Aspirações altas que partem a minha presença atenta no mundo. Penso no fim do universo... Penso e desafio-me mentalmente para tentar ver o fim do cosmos. Pinto a tela... Uma vida com vidas...

O tempo que é tempo, que corre em mim. Sinto a revolta... O cheiro de putrefacção que invade todo o meu corpo e me faz ferver o sangue... Graus celsius que giram em torno da minha febre... Surreal. Vejo-me lá ao fundo. REVOLTA! (ME)!!! (TE)!!!! Seguimos aquele rasto... Continuamos a ser o reflexo daquilo que somos! Não posso. Olha a REVOLTA! Não devo. Olha ali,

a REVOLTA! Revolta-te em mim contra todo o meu propósito! Devolve a tua estadia neste olhar! Revolta-te! Animal com os maiores vícios, és tu, sou eu, somos nós, REVOLTA-TE!

Eu sou importante, eu sou o teu tempo ganho. Eu sou o teu prémio. Revolto-me! Objecto sem vida, inanimado. NÃO!!! Revolto-me contra ti, contra o mundo ausente das memórias e dos passos largos! Sou eu, sou eu que me posiciono aqui... Não mandas. Não comandas. Não ordenas. NADA! Revolta = Re Volta!!! Estou cá! Dobro a relação espaço/tempo! Fim à vista, ser humano aqui! Presente! Satanista! Estico o punho em direcção à salvação! Impacto no contexto da vida!

A minha vida numa citação do filme ROCKY BALBOA:

"Let me tell you something you already know. The world ain't all sunshine and rainbows. It's a very mean and nasty place and I don't care how tough you are it will beat you to your knees and keep you there permanently if you let it. You, me, or nobody is gonna hit as hard as life. But it ain't about how hard ya hit. It's about how hard you can get it and keep moving forward. How much you can take and keep moving forward."

E tu??? Agentas o facto de viver?

Caminho distante em relação à estrada. Aproveita o momento, pois a vida dura tão pouco. As cores não existem. A vida não existe! Não acredites em tudo, em todos, em mim! Não acredites nos sentidos, na realidade. Não acredites que acreditas. Vive e constrói a tua realidade. Eu? Eu estarei por cá... Atento a mim mesmo. Paro de descansar e aponto para Este! Ponto cardeal de referência... Nasce mais um dia... Células revitalizadas após 41 graus celsius. Olhar novo... Visto o meu mundo novamente... Venha de lá mais um dia, pois o meu propósito é e sempre será... (!!!) (Olha para mim) (Aqui) (revoltei-me com a vida e rasguei mais uma estrada) (sorrisos) (estou tão vivo) (eis o meu propósito) – Eis o propósito da minha vida... O meu propósito está aqui... Ali... A vida é mesmo pequena? Qual é o teu propósito? Muda a maneira de ver o mundo, afinal de contas somos seres humanos... Cartas de mim para egos distantes que coincidem com outros... Ahhhhh Morreu aquele ali ao canto.

"It's the end of the world as we know it and I feel fine." - REM

A close-up, high-contrast photograph of a person's face. The image is dominated by a large, dark, circular eye on the left side, which appears to be looking directly at the viewer. The rest of the face is mostly in shadow, with a small, dark, curved line representing the mouth on the right side. The overall tone is dark and moody, with a blueish-grey color palette.

da psiconevrose extrafisiológica

Fátima Vale

*anda torquemada junior**veste-me o sambenito e ence-
na-me a tortura*

com o silêncio astuto
da cegonha
esvazia-me da heresia
esmaga-me o crâneo marrano
empala-me a bissexualidade
até ao infinito
entope-me de água borbulhante
expulsa-me das entranhas
o satanismo
pela perícia de um verdugo
na mesa do esvisceramento
despedaça-me os seios
palpitantes de desejo
sob a forquilha que me adorna
o pescoço
frita-me lentamente a luxúria
em azeite virgem
limpa-me o sangue
em fogueira menina
para que não asfixie
deixo-te as pêras e os garrotes
a dama de ferro vazia
espera-me no berço de judas
vaidoso dos engenhos obscenos
da tua santidade

que os meus átomos
dancem sobre os teus ossos esque-
cidos
depois de os vermes vomitarem
a pestilenta carcaça

a memória cósmica ignora-te
torquemada moderno

**hieros gamos ou a itifalia do gran-
de macho**

Naestsán convulsa expulsou-o do
ventre por crime de gula
tinha vitimado uma corsa ao emer-
gir pelas raízes de uma videira
e furtou-a para as entranhas telúri-
cas
onde primevos se alimentavam de
aromas e vapores

o Grande Primevo estava condena-
do à luz
ao furto dos cabelos da terra seus
irmãos da superfície
à destruição dos ossos da mãe para
seu abrigo

o fascínio das formas
a intensidade dos sabores
tornou-o progenitor da humanidade

a cada flor que brota ou a cada pé-
tala que cai
o Grande Macho Cósmico
desenvolve-se na sudorese do de-
sespero
por cada “raiz prestes a morrer”
a mãe terra no corpo da fêmea
cura-o com as mãos enormes da luz
até que o corpo se revire para o úte-
ro
embrião friccionado pela chama

os cabelos humidificam-se como
juncos
emergem os sentidos nas trevas
a androginia expande-se como cla-
rão nocturno

o Pai Sol ouve o clamor
e solta toda a humanidade
para o mergulho na espuma da Ma-
ter

o incessante regresso ao ventre
desejo primordial
obstetria da memória
no corpo incendiado

cada lura
cada raiz
é contacto divino
hierogâmico
para a viagem sublime
do limiar da consciência

até o Grande Macho derramar
a semente na infertilidade cósmica
da Terra
arfam todos os espíritos no peito da
floresta

**cabeça de sabiá- laranjeira ou a
suspensão da vida**

teria um nó nos dedos se não er-
guesse a cabeça para o ovo cósmico
e nele decifrasse as coordenadas do
caudal virgem
escorrente dos ossos
pedras bolideiras à superfície da
pele materna

os laços tornam-se firmes quando as
aves
lhe puxam a ponta pelo bico

foi só libertar uma substância
suspende-la num filamento com um
nó sabiá
deixa-la expandir-se
expressar-se no único campo que
ocupa
o onírico

do silêncio
da clausura em que o corpo lhe vive
na maioria das horas

a desejada oferenda era de traços
transgressores
a superação da utopia erótica

a leitura inversa do seu nome
é o de ave meditativa
sendo o verso a feminilidade do mar
a abstração da existência humana
concentrava-se-lhe na veia cósmica
segurando na mão erguida
um coração em chamas

era assim a visão da serpe
enrolada num ovo pintado

esse universo ordenado
sem desgaste provocado pela exis-
tência material
dava a ideia paradisiaca
da proximidade absoluta
da verdade interior
como oferenda
àquele que lhe ama o corpo

suspensa como estava pelo nó de
sabiá
pelo filamento metafísico
a primavera cobriu-a de múltiplas
cores
os impulsos da natureza brotaram a
cada instante
e a nudez cobriu-se-lhe de uma im-
previsível folhagem

evadia-se a essência do Ser pela sua
substância
a transgressão impulsionava-se
para os bosques
do renascimento
do desdobramento do amor preser-
vado
ele fora de si
o outro libertado
impulso primordial da fluidez do
desejo

a pureza da substância
foi abalada
quando procedeu mentindo
à origem física da mesma

a divindade deste episódio
foi resgatada por um nó laís de guia
onde tudo foi a sombra da própria
ausência
o furto precipitado
de uma fuga

a substância de espuma ergue-se
contra os rochedos
e está sempre a chegar entrelaçada
a si mesma
serpe das infindáveis chuvas férteis

**A humanidade
regressando
como um
ouroboros
ou a utilidade
dos homens**

José Pedro C. Pontes



Tantos são os nomes, tantas são as referências, tantas são as associações. Dentre as infinitas impressões que a palavra “Satanismo” e outras dela derivadas há claramente o que poderia ser chamado de um “manto do oculto”. Uma áurea simbólica que atrai e ao mesmo tempo causa repulsa. Um conjunto de figuras, histórias, relatos; formas que compõem um imaginário popular e influenciam o próprio Satanismo.

A humanidade regressando como um ouroboros ou a utilidade dos homens

Como que a ordem do mundo fosse estilhaçada, quebrada e utilizada como veículo para a dominação ideológica, a serviço do cristianismo. Tudo o que funcionava como media, as diversas técnicas literárias ou visuais, distribuindo a ilusão, bloqueando a busca contra a solidão da mesma. Hoje pode-se ainda sentir e perceber a influência exercida pelas formas artísticas numa sociedade massificada por forças dominadoras.

Como se estes maus costumes de pensamento fossem ou tivessem sido superados, todas as grandes audiências da sociedade massificadora do espectáculo seriam suprimidas, por e simplesmente não existiriam os programas e as temáticas de entretenimento que existem ou ao existirem jamais obteriam tamanha atenção. Estará longe então esse tempo em que a humanidade tenha de facto interesse em adquirir um pensamento livre, uma total liberdade, numa era globalizante como a nossa parece então não estar ao nosso alcance.

“Tudo que o povo exige da tragédia é ficar bem comovido, para poder derramar boas lágrimas; já o artista, ao ver uma nova tragédia, tem prazer nas invenções técnicas e artifícios engenhosos, no manejo e distribuição da matéria, no novo emprego de velhos motivos, velhas idéias.”
Nietzsche

Hoje é difícil imaginar o lugar dessa liberdade, suprimida a vontade de conhecimento o tédio incita a mudança. A impossibilidade da definição do real intensifica-se, o homem submerge no mundo da banalização transformando-se em produto para consumo.

Resta de novo a preservação da arte nem que seja apenas para alívio do espírito de toda esta solidão. Hoje ainda o ser humano representa um objecto a ser conquistado por qualquer canal de TV. Se a emoção banalizada é o interesse das massas a máquina irá ao seu encontro. Facilmente se imagina estar diante de uma força maior e inacessível, será que o sonho persiste ou apenas queremos aliviar a tensão de tanto desacralizar, de tanto ignorar o interior e a sua manifestação?

*“O interesse pela verdade vai acabar, à medida que garanta menos prazer;
a ilusão, o erro, a fantasia conquistarão passo a passo, estando associados ao prazer, o território que antes ocupavam: a ruína das ciências, a recaída na barbárie, é a consequência seguinte; novamente a humanidade voltará a tecer sua tela, após havê-la desfeito durante a noite, como Penélope.
Mas quem garante que ela sempre terá forças para isso?”*
Nietzsche

A ordem do mundo ao existir é mera produção do homem enquanto

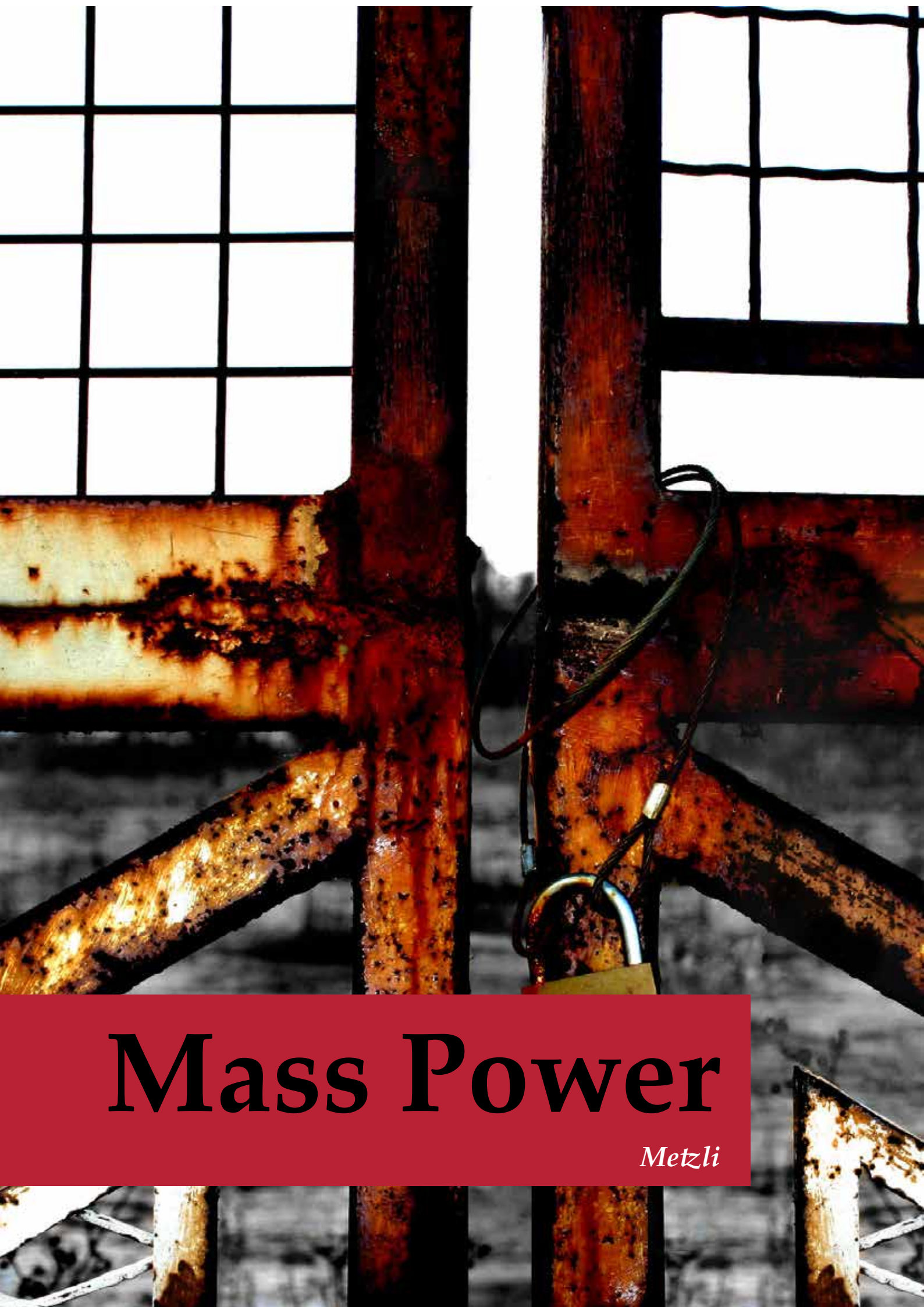
a vontade de poder se afirmar como única essência da ciência-técnica, com toda esta dança sagrada de morte e reconstrução e o prazer pelo conhecimento apagado, o ciclo irá fechar-se de volta à sua animalidade inicial. Preciso é reafirmar a transcendência ao invés da ordem objectiva do mundo, sobretudo em acontecimentos “catastróficos”, pondo assim em causa todas as certezas e seguranças que construímos com meios humanos.

“Por isso uma cultura superior deve dar ao homem um cérebro duplo, como que duas câmaras cerebrais, uma para perceber a ciência, outra o que não é ciência; uma ao lado da outra, sem se confundirem, separáveis, estanques; isto é uma exigência da saúde. Num domínio a fonte de energia, no outro o regulador: as ilusões, parcialidades, paixões devem ser usadas para aquecer, e mediante o conhecimento científico deve-se evitar as consequências malignas e perigosas de um superaquecimento”.

Nietzsche

“Preciso é reafirmar a transcendência ao invés da ordem objectiva do mundo, sobretudo em acontecimentos “catastróficos”...”





Mass Power

Metzli



Numa altura em que todos temos uma infinidade de preocupações e o dia continua a ter as mesmas 24 horas, é normal que se comece a não ter tempo para fazer tudo com calma e pensando por nós próprios. Parece que uma força superior nos quer sempre ocupados e que dessa forma nos controla.

Como seres humanos que somos, somos curiosos e sedentos de informação relativa ao que se vai passando. Gostamos de saber o que se passa aqui, na nossa cidade, no nosso país, e além fronteiras, um pouco por todo o mundo e Universo. Criamos assim uma ilusão de pseudo-onnipresença que nos faz sentir melhor.

À medida que o tempo vai escasseando, temos tendência a aceder aos Meios de Comunicação Social para alimentarmos a nossa necessidade de notícias. E por norma, escolhemos sempre os mesmos canais, pelo fator da proximidade, pela ideia de isenção, pelo que quer que seja. Mesmo quando achamos que estamos a fazer a melhor escolha, estamos a reduzir-nos a um ponto de vista, seja ele qual for.

Quer queiramos ou não, a verdade é que aquilo que nos fazem chegar é o resultado de uma seleção feita por uma pessoa, de acordo com aquilo que essa pessoa acredita que deve chegar ao público. Nem sempre nos chega tudo o que é realidade/acontecimento, e as nossas opiniões, condicionadas por este processo, serão sempre relativas. É como apontarmos o dedo aos cristãos que não percebem que a sua bíblia é uma seleção das melhores histórias, sem percebermos que os Meios de Comunicação Social nos fazem o mesmo.

Fui ensinada a acreditar na existência de um Quarto Poder, tal como outros foram criados a acreditar num quinto elemento. E à semelhança das guerras que foram sendo travadas ao longo do tempo, também os guerreiros do Quarto Poder teriam o objectivo de derrotar os infieis e de os expôr, derrotados, em praça pública. Derramando sangue, deixando viúvas as mulheres e orfãos os filhos.

O mundo à minha volta esforça-se por me fazer desacreditar. Em vez de guerreiros dedicados à causa, dizem que existem apenas "toupeiras". Sempre achei o termo interessante. Sempre, até se aplicar às batalhas em que sempre acreditei e que, apesar de me ter afastado, pensava serem travadas

todos os dias.

Uma parte de mim deixou-se influenciar por esse mundo exterior, afinal somos todos o produto das trocas dos nossos genes com o nosso *habitat*. Quem sabe por isso me afastei. O que eu queria, quando me alistei, era lutar na fileira da frente, ou noutra qualquer, onde fosse o meu lugar, de arma em punho. Salvando o mundo em cada golpe. Não acietei a possibilidade do meu general ter estratégias de guerra que pudessem não ser claramente ofensivas e em direcção ao nosso objectivo.

Afastei-me sem aceitar guardar a nossa arma mais valiosa: a liberdade de expressão. Mantive também os ensinamentos, esforçando-me por (tentar) perceber quem seriam as toupeiras e quem seriam os bravos guerreiros. Esforçando-me por não ficar afetada pelas táticas de uns ou pelas estratégias de outros, embora seja impossível. Ao olhar para eles ainda sinto nostalgia. Não dor nem saudade, nem culpa ou remorços. Apenas nostalgia, sem saber bem porquê.

Contudo, lá no fundo, sei que aqueles em quem acredito ainda existem, e vão existir sempre, enquanto tivermos presente a importância de tudo o que conquistamos. E sei que as batalhas vão sendo travadas e algumas até ganhas. Lembro-me de um documentário visto há pouco tempo, sobre o autor do livro *Versículos Satânicos*, Salman Rushdie. Bem que poderia ter sido um romance gótico inspirado pela vida de LaVey, que depois de se tornar num *best seller* seria adaptado a Hollywood. Mas não. Neste caso são abordadas temáticas também elas delicadas, principalmente para um dos grupos religiosos com maior índice de fanatismo.

O livro aborda temas como a saída de textos referentes a satanás do alcorão e um alegado (adoro usar este termo) bordel onde trabalhariam as mulheres do homem a quem chamam de profeta. Como seria de esperar, os muçulmanos ficaram ofendidos com a obra e com as escolhas do autor para

ela. Os muçulmanos levam a peito muita coisa. E se os satanistas também o fizessem, como seria? Com a quantidade de parvoíces que se diz para aí sobre o satanismo, a ordem mundial já teria sido abalada há muito, e não só em termos económicos como vemos agora.

Qual é a então a diferença? Entre outras, onde estará a capacidade de lidar com a liberdade de expressão por parte dos satanistas, a grande diferença é que nós não tentamos dominar o mundo. Pelo menos não tentando impor a nossa religião/ filosofia de vida.

Assim que o livro começou a circular um pouco por todo o mundo, começou a nescer um movimento, também por todo o mundo, contra a sua circulação, incluindo um pedido junto do governo britânico para proibir a sua comercialização. O governo não se revelou sensível à causa, e ainda bem. No dia em que este tipo de pressão tiver efeito nos três poderes instituídos vamos estar a dizer que nos arrependemos da separação da igreja e do Estado, apesar de no nosso caso muito particular essa divisão nem sempre ser visível.

A democracia, quer gostemos dela ou não, precisa estar acima de tudo isso, precisa de aceitar as diversas opiniões mas de continuar a ser o que é. A liberdade de um tem de terminar e tem de terminar onde começa a do outro. Mas como nem todos percebem esse conceito de limite, uma vez que o governo não se mostrou inclinado a aceder ao pedido feito, queimam-se os livros. Já que continuam a ser comercializados, impede-se que sejam lidos de outra forma, mais grotesca e mais melodramática.

Independentemente de concordar-


"O mundo à minha volta esforça-se por me fazer desacreditar. Em vez de guerreiros dedicados à causa, dizem que existem apenas "toupeiras". Sempre achei o termo interessante."




mos ou não, a queima de livros é uma imagem que nos transporta a tempos em que uma qualquer força nos controlava e aniquilava a nossa liberdade. Uma coisa que eu não percebo neste tipo de pessoas é a sua inocência (ou falsa inocência, ou mesmo burrice) no relacionamento com os mass media.

Possivelmente, não são educados para isso. Possivelmente, no lugar onde se movem os mass media não derrotaram nenhuma guerra do Vietname. Perante este cenário, onde um livro (até poderia ter sido um simples caderno de anotações) é queimado numa manifestação, seria óbvio que, independentemente dos sentimentos nutridos pelo autor, os guerreiros do Quarto Poder se dirigissem para o campo de batalha: as suas redações.

É sempre curioso ver como as suas armas são tanto eficazes como subtis. Uma notícia de capa, com uma grande e

bela foto das chamadas a consumirem, metaforicamente, os nossos ideais e aquilo que tanto e tantos defenderam até à morte. E pronto! Já está! Mais uma batalha ganha.

E é assim que se criam imagens estereotipadas de grupos de pessoas, muitas vezes sabendo que assim tem de ser para conseguirmos manter aquilo em que acreditamos. Outras vezes, porque é algo que vende bem e são necessárias receitas para manter a chama viva. Um desses grupos fortemente estereotipados é o dos satanistas. Conseguimos perceber isto no nosso dia-a-dia, algumas vezes.

Naquelas alturas míticas em que alguém nos aborda e diz *“temos de falar sobre uma coisa”* nós nunca estamos à espera. Normalmente as pessoas não querem fazer perguntas, apenas demonstrar conhecimentos. No entanto, há alturas em que, uma em cada cem,

“Nestas alturas tento passar em revista na minha mente todos os satanistas que conheço e percebo que são totalmente diferentes e que “encarnam” o que é ser satanista de formas distintas. Raios!”

se interessa realmente e introduz, quase invariavelmente, o tema com a afirmação *“temos de falar sobre uma coisa”*. E depois, também quase invariavelmente, adopta o discurso mais direto possível. *“O que é isso de Satanismo?”*.

A primeira resposta é sempre um sorriso. Porque não estávamos à espera, porque não queremos que a pessoa se sinta desconfortável (pelo menos na maioria das vezes não queremos) e porque não sabemos muito bem por onde começar. Lá vamos iniciando depois a nossa explicação, tentando dotá-la de alguma clareza e organização para ser compreendida.

Ao chegar a este ponto começo a perceber que tenho algumas dificuldades em descrever de forma minuciosa e ainda assim resumida mas com a veracidade esperada. Nestas alturas tento passar em revista na minha mente todos os satanistas que conheço e percebo que são totalmente diferentes e que *“encarnam”* o que é ser satanista de formas distintas. Raios! Sugiro aqui que sejam criados uns panfletos com guias para nos ajudar a explicar aos outros o que isto é...

Vamos tentando perceber qual é a imagem que o interlocutor tem do Satanismo e quanto mais fantasiosa ela for mais simples é o nosso trabalho em esclarecer a alma errante que nos questiona. Curiosamente, ou não, nunca fui abordada por alguém minimamente informado. Todos consideram que passamos as noites (e madrugadas) das sextas-feiras no meio de uma mata (ou no topo de um monte, num sanatório assombrado), vestindo só uma capa negra com um capuz, em roda à volta de uma fogueira, fazendo



feitiços e terminando as nossas práticas com orgias.

Bolas! Realmente, também foi isto que a Comunicação Social me prometeu, nas notícias de capa de tabloides, nas reportagens de meio de jornal televisivo de estações sensacionalistas. Por mais parvo que seja, dá para ficar com inveja. Estamos a viver uma vida bem diferente do que a vida que temos na mente dos outros. Bem diferente e bem mais chata aparentemente.

"Então? Mas não matam ninguém? Nem um gato?". Nesta parte eu suspiro. Gostava tanto de poder ser livre para o fazer (aos seres humanos, claro) sem ter de responder depois legalmente pelos meus atos. Devia ser aprovada uma lei mundial que nomeasse os satanistas como a arma onnipotente da Justiça. Até já tenho uma lista dos meus primeiros trabalhos...

"Fisicamente, só se valer a pena." É tão raro que alguém demonstre interesse genuíno que quando isso acontece nos apetece, por um instante, partilhar. Partilhar histórias, partilhar sentimentos, partilhar vivências, partilhar o nosso mundo. Só depois percebemos que o Satanismo não é uma coisa que se partilhe, como um chapéu ou um par de sapatos.

Em vez do que melhor sabemos existir no Satanismo acabamos por oferecer desilusão dupla. A primeira parte da desilusão vem quando percebem que somos satanistas. Até ao momento parecíamos pessoas tão normais. Como é que é possível? A segunda parte da desilusão vem quando nos questionam, com a imagem descrita anteriormente na sua mente, e percebem que não passa de um golpe de Marketing. (Podíamos ir por aí, mas não me parece o melhor neste momento. Fica para depois)

Ou se pensa Satanismo, ainda que sem saber o nome que têm os pensamentos por vezes, ou nunca se vai perceber na totalidade. Consegue-se decodificar a mensagem, desde que esta esteja codificada num idioma conhecido, mas os caracteres não fazem sentido, como se estivessemos a ler uma receita em que os ingredientes são oriundos de outros países e não são vendidos nos mercados nacionais.

Com o tempo, aprende-se a viver com isso e a saber gerir as nossas expectativas, bem como a dos outros. Mais ou menos. Ainda assim, algumas vezes virá a já falada desilusão. Acontece. Afinal, bem lá no fundo, acabamos por ser todos feitos da mesma matéria. Para a maioria das outras pessoas, continuaremos a ser as pessoas de capas negras que passeiam pela



noite.

Contudo, se trocarmos a cor das capas, de negro para branco, já seríamos pagãos e boas pessoas. Nesse caso, tudo bem. Já toda a gente gostaria de nós e nós dos outros. Ainda bem que já deixai de me preocupar, há muito, com o facto da vida ser mais do que injusta.

Todavia, e apesar dos efeitos secundários menos reais que possam estar associados ao trabalho, eu ainda acredito que o Quarto Poder existe, está vivo, de boa saúde, e continua a lutar e a ganhar batalhas. Ou alguém achava que depois do incidente com a jornalista do Público, o ministro Relvas iria ter uma vida política e social calma e tranquila?



"Em vez do que melhor sabemos existir no Satanismo acabamos por oferecer desilusão dupla. A primeira parte da desilusão vem quando percebem que somos satanistas. Até ao momento parecíamos pessoas tão normais."



Por um Satanismo *verdadeiramente* humanista

Vitor V.



"A dreamer is one who can only find his way by moonlight, and his punishment is that he sees the dawn before the rest of the world"

Oscar Wilde



Podemos de facto intitular- nos humanistas? A valorização altamente positiva do conceito de indivíduo presente dentro do sistema religioso satanista está alinhada com propósitos que visam a realização plena das potencialidades humanas; ou trata-se ela de um simulacro forjado a partir de uma condição histórica, que, por sua vez, nos limita a acção e o pensamento?

E então começa a história. Em algum momento perdido do tempo. O homem, enquanto espécie, tendo ao seu redor um mundo vasto, complexo, e, acima de tudo, perigoso, sente a necessidade natural de preservar a si mesmo. O indivíduo, isolado em si mesmo, precisa defender-se de animais selvagens e intempéries, buscar para si o seu alimento. Não dispunha de garras, não era veloz como um guepardo nem forte como um touro. Não podia construir formigueiros ou proteger-se no mar. Mas, por algum motivo, o homem entendeu que sua sobrevivência dependia de algo maior: a capacidade de socializar. Reunido em grupos, o homem poderia dividir tarefas, defender-se e atacar com mais facilidade. E então se desenvolve a linguagem, fruto de uma necessidade material muito clara: para se trabalhar em conjunto era preciso que cada um dos seus elementos em alguma medida se entendessem. Moral da história: o homem é um animal social por natureza, dotado da faculdade de poder comunicar, o que garante a sua sobrevivência.

Passado algum tempo, lá pelas tantas ao longo da nossa história, um determinado Jean decide falar um pouco sobre algo que lhe despertava reflexões. Tratava-se do conceito de compaixão. Palavrinha curiosa sobre a qual vale a pena pensar. Paixão vem de *pathos*. Pode significar dor, sentimento, excesso. Depende de quem a diz, depende de por quais caminhos etimológicos se percorre. Mas, seja qual for, trata-se de um sentir. Algo vívido, ao mesmo tempo psíquico e físico; humano. Junto a isto, a palavra “com”. Significa proximidade, relação, união, ligação. Para além das conotações morais que isto adquiriu, ter compaixão significa: “sentir com”. E este Jean, mais conhecido pelo seu sobrenome, Rousseau, definiu isto como uma virtude. Nas suas próprias palavras “uma repugnância inata em ver o sofrimento de um semelhante”. Tal repugnância alcança valor positivo nas suas reflexões e acaba por ser situado na natureza humana. É através desta virtude que o homem seria capaz de controlar os seus impulsos mais individualistas, fechados em si mesmo. Pensando naquela história, já conhecida por alguns,

do mito do bom selvagem, vê Rousseau o homem como bom na sua essência, sendo corrompido por paixões individuais surgidas nele uma vez estando organizado em sociedade. Eis “o mal”.

Mas se este mal está aí e temos de conviver com ele, o que fazer? Independente das suas origens, viver em sociedade deixou de ser tão somente uma necessidade nossa enquanto membros de espécie para se tornar também, se podemos assim dizer, um “risco”. Viver faz mal e é perigoso. Não sabemos o que pensa a pessoa com quem cruzamos na rua. Não sabemos o que o nosso colega de trabalho seria capaz de fazer para alcançar o nosso cargo, sendo este superior ao dele. Se pensarmos na frenética vida moderna que levamos, em meio a grandes cidades onde o distanciamento entre pessoas é condição inexorável, não é de se assustar que vejamos em cada um senão um inimigo, mas alguém com quem se deve ter algum tipo de cuidado. Pois, ora, quem garante que terão compaixão de nós? Deixemos nós então de ter primeiro...

E assim funciona uma parte da lógica satanista. Ao promover o amor próprio, o individualismo e o egoísmo, podemos interpretar que na religião Satânica a compaixão acaba até mesmo por adquirir um valor negativo, ofuscada pelo culto ao eu. Na compreensão daquilo que se entende por “natureza humana”, destacam-se a nossa carnalidade, a nossa busca por prazer, a nossa ausência *apriori* de amarras morais, a nossa capacidade de acção e de reflexão.

Voltando os nossos olhos novamente para a história passada, pensemos o contexto no qual se inseria Anton LaVey. A publicação da bíblia data de 1966; pensemos então, de forma mais geral, a década de 60. Ou ainda a segunda metade do século XX. Trata-se de um momento histórico no qual o capitalismo já está consolidado nos Estados Unidos, o que significa que o seu modo de pensar o homem e sua relação com o meio se faz impressa nas produções culturais, artísticas e intelectuais da época. Este era o horizonte. Não podemos deixar de pensar também na União Soviética e no seu comunismo, mas creio que isto não se faz tão influente na obra de LaVey. O homem satanista de LaVey é um homem do capital. É um constructo em meio a um sistema religioso pautado pelo *self-made man* americano. Capitalista. Liberal e capitalista. A exacerbada valorização positiva do indivíduo não é uma descoberta fascinante do Satanismo. É uma marca deixada pela situação histórica na qual se encontrava o fundador da *Church of Satan*. Ele, como qualquer ser humano, é uma “vítima”

“(...) o homem é um animal social por natureza, dotado da faculdade de poder comunicar-se, o que garante sua sobrevivência.”

de seu tempo. Social por natureza, e por esta sociedade em alguma medida determinado.

Contraditoriamente, e isto não reduz a questão ou o próprio Satanismo em si, este mesmo elogio não declarado ao indivíduo capitalista americano, reconhece nele próprio o seu inimigo. Trata-se da moralidade do todos contra todos, essencialmente capitalista. Disputamos vagas em boas escolas, em boas universidades, em bons locais de emprego. O outro é sempre um concorrente. Na nossa actual organização política e social não há espaço para uma caridade utópica, na qual a nossa subsistência dependa de ajuda alheia. Se assim for, estamos fadados simplesmente à morte. Àquele cujo destino é a pobreza material, só resta lutar por si próprio para que a sua condição social melhore, podendo assim ter uma melhor qualidade de vida; ou tão somente poder sobreviver. Isto pode parecer exagerado aos olhos de europeus, por exemplo, mas para brasileiros, isto é uma realidade bem factível: trata-se do país onde prédios de luxo se fincam ao lado de comunidades pobres onde reinam a pobreza e a miséria.

Assim sendo, não há espaço para a compaixão. Ser capaz de entender e sentir o sofrimento alheio de alguma forma é uma atitude que não se pode esperar de qualquer um. O confronto é constante, e precisamos sobreviver. Ou ainda, quando a razão é capaz de nos fazer entender possíveis origens maiores para os problemas do próximo, acabamos por neutralizar este entendimento. E justamente por sermos condicionados a não olharmos para além dos nossos horizontes do capital. Pois o homem capitalista é programado para não questionar ou contestar o mundo em que vive. Ou então, ao fazermos, somos levados a uma redução quase que inexorável das nossas potenciali-



dades, na medida em que nos colocamos como um insignificante pedaço de nada em meio a gigantes como governos, instituições, grandes corporações. Este condicionamento, que se dá através daquela mesma linguagem que um dia surgiu como um elemento visando a nossa sobrevivência, através de produção intelectual, media e conversas cotidianas, imprime a sua marca no Satanismo. Ela se dá na medida em que a compaixão adquire um valor negativo, e o posicionamento político satanista coloca-se como neutro. O foco é o indivíduo, e não a sociedade. E da mesma forma que tomar conhecimento de uma atitude criminosa sem que a denunciemos nos torna cúmplices deste mesmo crime, manter-se “neutro” representa convivência e aceitação do *establishment*, do *status quo*.

Caminheemos agora para a nossa contemporaneidade: primeira metade do século XXI. A despeito das recorrentes crises econômicas, a nossa organização política e social mantém-se na sua origem a mesma daquela dos tempos de LaVey. Talvez evoluída, talvez aprimorada, mas na sua essência mantida. E voltamos a ser vítimas do nosso tempo.

Pois tal qual como a religião em tempos passados, hoje somos controlados pelas grandes empresas de comunicação. Organizações que se apropriam das mais diversas formas de media já produzidos pelo homem para moldar o nosso pensamento. Não se trata de um processo que se apropria da força bruta para fazê-lo, como, por exemplo, num estado ditatorial. Pelo contrário, convence-nos, determina estruturas lógicas de raciocínio, filtra informações a serem massivamente exibidas deixando outras de lado. Assim, nos manipulam determinando aquilo que nomeiam de verdade, valendo-se ainda de uma pseudoneutralidade, mas que, internamente, opera com o único propósito de reafirmar o seu poder. Tal qual o clero e outros segmentos religiosos noutros momentos da história. Se os questionamos e, ao melhor estilo satanista, optamos por nos colocarmos contra isto, por que não haveríamos de fazê-lo hoje?

Somos também vítimas quando optamos por não mais sermos o que somos ou o que podemos ser, mas sim pelo que temos, pelo que compramos. Não mais contam os livros lidos e as ideias através deles geradas na nossa mente, mas sim a quantidade deles na nossa estante. Não mais interessa os nossos reais interesses, criatividade e anseios individuais: para a máquina que se preocupa com a própria manutenção voltada para o consumo de massa, não passamos de uma engrenagem. Passamos horas dos

“Ao promover o amor próprio, o individualismo e o egoísmo, podemos interpretar que na religião Satânica a compaixão acaba até mesmo por adquirir um valor negativo, ofuscada pelo culto ao eu.”

nossos dias realizando trabalhos que não nos apeteçam tão somente por dependermos dos nossos salários para sobreviver. Não se trata tal facto de regra, mas também na maioria das vezes não se trata de uma escolha.

Em função de um hedonismo consumista e exagerado, de modo a garantir a função de ser das grandes firmas, promovemos e gozamos ingenuamente de uma auto-afirmação vazia. Orgulhamo-nos de limitarmos os nossos prazeres ao saciar de vontades que não ultrapassam a esfera da aquisição de produtos e bens. Instrumentalizamos a razão e o prazer crítico e estético perderam o seu lugar. Instaurou-se uma tendência niilista tipicamente pós-moderna: não há mais sentido no nosso trabalho, não há mais futuros a serem almejados, não há mais religião para nos guiar moralmente e só nos resta uma sensação de vazio. Nada mais faz sentido, nada nos motiva a ser, tão somente a ter.

E então surge Satan...

Não faz sentido dizer que o deus do satanista é ele mesmo? Mais do que isto, também não faz sentido entender que Satan, enquanto arquétipo e símbolo máximo da religião não representa por si, além de outras coisas, a figura do homem? Não exaltamos a vida, o nosso maior bem? Ao sermos satanistas não nos estamos a afirmar como **humanistas**? Pois se vemos no ser humano um infinito de potencialidade, uma fonte de realizações inesgotável, por qual motivo limitar-nos-íamos a sermos parafusos de uma máquina que reduz a acção humana? É suficiente que o nosso pensar

se reduza ao funcionalismo do mercado e de uma tecnologia que o legitima?

Ao destacarmos o papel do indivíduo na vida do homem como sendo um micro cosmo (eu) em meio a um macro cosmo (sociedade/ mundo/ natureza) não deixamos o “um” e o resto em instâncias iguais? Pois exaltar o deus que há em mim mesmo significa necessariamente também reconhecer o deus que há em si! Do contrário, resultaria de um dos pilares da religião satanista nada além de uma grande falácia. Não seria lógico nem coerente.

De igual modo, legitimar uma condição de luta, tal qual prevista pelo sistema capitalista, onde dependemos tão somente de nós mesmos e a moralidade do todos contra todos acaba por se fazer presente, não seria também um acto de desvalorização do indivíduo? Aplaudimos então nós enquanto homens a guerra entre indivíduos? Ora, neste espetáculo não somos platéia, mas leões e gladiadores, e nem sempre podendo escolher os nossos papéis! Será que não estamos confundindo um egoísmo humanista, no sentido de nos vermos como centros de nossos universos, atitude que coloca a todos em pé de igualdade, com um pseudo-individualismo desumano?

Perguntar-me-ia então o leitor que postura adoptarmos em meio à questão. Comentaria o tolo do alto de sua limitação: como então resolver tudo, diga-me a sua fórmula mágica? Instigar-me-ia retoricamente aquele mais desconfiado: qual miraculoso sistema então você pretende nos propor? A todos eu diria: **o “eu” é tão grande quanto o homem**. Devemos assumir o nosso papel enquanto sujeitos históricos, vendo no homem algo a ser preservado tanto do acorrentamento moral por ele mesmo forjado, quanto do tolir das suas potencialidades em termos de acção e de pensamento. A compaixão pode não ter estatuto de dogma máximo dentro da nossa religião, mas devemos enxergar em nós mesmos guardiões e protectores da nossa espécie, e, por que não, dos próximos que compartilham a nossa condição de indivíduo, de deuses, de portadores do bem máximo ao qual damos o nome de vida. Não significa esperar de nós revoluções abruptas, caridade ao estilo madre Tereza de Calcutá, ou ainda a adopção de uma moral cristã que ignora a sujeira por nós produzida. Trata-se de levantarmos as nossas cabeças, deixar de olhar para umbigos e pés para olharmos para deuses; desta vez não mais no céu...



O fim está próximo...

Charles Sangnoir



...ouve-se frequentemente. Existe desde o alvor dos tempos uma noção generalizada de desastre iminente, uma sensação omnipresente de apocalipse programado. Os assírios julgavam-se à porta do fim dos tempos há 5000 anos, durante o império romano esperou-se a chegada do dia derradeiro por diversas ocasiões, à chegada do anterior milénio tomaram lugar um sem fim de histerias pré-apocalípticas, e o mesmo aconteceu há uma década com o fenómeno Y2K - e estes exemplos não mais são que um aperitivo, uma vez que são inúmeros e universais os relatos de previsões alarmistas (e grandemente fracassadas) sobre o exterminar do bicho humano.

Surge-nos de forma conveniente nos últimos tempos o tique-taque sul-americano de Tabasco, e consigo Bolon Yokte como arauto do julgamento final. Na verdade, os Maias foram excelente astrólogos, e detinham conhecimento astronómico de meter Copérnico ou Kepler a um canto, pelo que o próximo solstício poderá merecer particularmente a nossa atenção, ou pelo menos uma boa garrafa de vinho.

No entanto, o fatalismo de céus em chamas e mortos pelas ruas pertence mais à fogosa iconografia Católica do que sapiência Maia. A visão mesoame-

ricana das eras mostra-se cíclica e contínua, não recta e finita como os turvos olhos do homem branco querem teimar entender. Nesta perspectiva, o fim dos tempos não existe - quanto muito, existe uma transição, conceito igualmente espelhado na filosofia Hindu: Brahma, Vishnu e Shiva - a criação, vida e destruição de tudo o que existe, e por conseguinte a continuidade eterna e rotunda do todo.

Na máxima "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma" de Antoine Lavoisier, por assim dizer pai da química moderna, encontramos o filosófico bom senso que raramente nos

bafeja e que nos deveria guiar com mais tino por entre o histerismo apocalíptico que de tempos a tempos nos banha. Parece haver na humanidade uma necessidade de cataclismo, como que uma catarse plutónica que instiga ao epicurismo espicaçado pela possibilidade da ausência. Como que um vício pela peregrina perspectiva de ruína como incentivo (ou permissividade) ao *carpe diem*.

Parece não existir salvação sem derrota, evolução sem degradação, glória sem decadência.

E assim nos vamos deixando enganar por estes pequenos estertores negrimes, como que achibatados por uma moral oculta que precisa do cataclismo como desculpa para a libertação, sem compreender que tudo é composto por um círculo perfeito, que todo o cosmos obedece a ciclos periódicos, sejam eles Aeons, Eras, Yugas ou Katuns.

Já cá não andamos há pouco, e apesar dos esforços que temos encetado por estragar este paraíso semeado na vulva do universo, será de supor que ainda nos aguentemos por mais algum tempo. Ainda assim, não vá isto ser como a história do menino e do lobo, este natal abro as prendas mais cedo.

*Parece não existir
salvação sem derrota,
evolução sem de-
gradação, glória sem
decadência.*



Vem por aqui

Naive



Quando me deram a conhecer a temática da Infernus 26 pensei imediatamente no Cântico Negro de José Régio.

Foi um pensamento instantâneo que sinto que devo, por fidelidade ao meu instinto ou preguiça de pensar em algo mais (deve ser mais isto...), expressar no contexto em que se apresenta. O *Cântico Negro* é um poema sobejamente conhecido, e que dispensará apresentações e dissecações mais profundas, dado que é de uma simplicidade e frontalidade absolutamente geniais.

Sem grandes floreados. Puro, duro, directo, curto e grosso (como se costuma dizer), assim se manifesta o Poeta, e assim fluem as suas palavras transparentes e incisivas como a água que embate contra a rocha, e vai abrindo fissuras por entre esta. O conformismo e as demandas sociais formam um bloco que têm o seu peso na consciência colectiva, mas a voz da revolta e do individualismo saudável sempre teve e sempre terá os seus trovadores, artistas e arcaicos poetas, uns mais eruditos do que outros na sua forma de expressão, mas partilhando em comum o mesmo sentido de indulgência e liberdade.

O poema não pede da minha parte uma análise estrutural e semântica muito complexa, mas apenas o reconhecimento da carga emocional que me aporta, enquanto leitor. O crepúsculo não é mais do que um esbater de cores extraordinariamente belo no horizonte, por mais que se busque aí, e em outros fenómenos da natureza, a prova da existência de alguma divindade da luz ou dimensão espiritual. A minha aborda-

gem ao *Cântico Negro* é por isso meramente sensitiva, e só poderá reflectir a minha perspectiva interior em relação ao mesmo, a qual poderá ser familiar ou não a tantas outras pessoas.

Descobri este poema há alguns anos atrás, e logo me assombrou a sensação de deslumbramento e aquela típica e feroz auto – crítica: “*Como é que é possível não o ter lido antes?*” Acho que isto acontece um pouco a toda a gente quando se depara com algo ou alguém verdadeiramente prodigioso, ou que nos toca de uma certa maneira especial. Ainda agora esta sensação me acompanha ao ouvir Dead Combo (o meu vício mais recente) enquanto vou escrevinhando este texto...

Paralelamente também sei que há um tempo para tudo acontecer, e que, como alguém uma vez disse, muitas vezes são os livros, os poemas, aos álbuns, as canções... que nos encontram a nós a determinada altura da nossa vida. Se esse encontro se deu tarde ou cedo demais não interessa muito, ou mesmo nada, se um dos pressupostos da arte é precisamente a intemporalidade. Foi por isso, com um extraordinário prazer que decidi fazer a minha própria interpretação do *Cântico Negro*, a qual gravei em cd e apresentei ao vivo mais recentemente.

Sem subterfúgios, o *Cântico Negro* é um dedo acusador, uma chapada desferida, um enorme grito de liberdade e contestação contra todas as imposições sociais, políticas, filosóficas e religiosas. Com ironia, mordacidade, e aquela sabedoria que a dor nos dá, numa métrica e sentido rítmico extraordinários, está tudo lá, ou quase tudo... e, como elemento central do manifesto, a Perdição; o lugar perdido no tempo, onde o poeta se encontra para expressar livremente a sua individualidade...

O Cântico Negro (José Régio)

“Vem por aqui” — dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: “vem por aqui!”

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:

Criar desumanidades!

Não acompanhar ninguém.

— Que eu vivo com o mesmo sem-vontade

Com que rasguei o ventre à minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde

Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde

Por que me repetis: “vem por aqui!”?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

Redemoinhar aos ventos,

Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,

A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi

Só para desflorar florestas virgens,

E desenhar meus próprios pés na areia

inexplorada!

O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós

Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem

Para eu derrubar os meus obstáculos?

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,

E vós amais o que é fácil!

Eu amo o Longe e a Miragem,

Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Idel! Tendes estradas,

Tendes jardins, tendes canteiros,

Tendes pátria, tendes tectos,

E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...

Eu tenho a minha Loucura!

Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,

E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!

Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;

Mas eu, que nunca principio nem acabo,

Nasci do amor que há entre Deus e o

Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,

Ninguém me peça definições!

Ninguém me diga: “vem por aqui!”

A minha vida é um vendaval que se soltou,

É uma onda que se levantou,

É um átomo a mais que se animou...

Não sei por onde vou,

Não sei para onde vou

Sei que não vou por aí





Lilith

A Gafe do Criador III

Outubro



Resumo da 2ª Parte

Chamados à presença do Criador na Corporação Divina e, após um briefing sobre a fuga de Lilith, Senoy, Sansenoy, e Semangelov são incumbidos de viajar até ao Mar Vermelho, para persuadir Lilith a regressar para os braços do seu inconsolável esposo. Lilith recebe-os, relutantemente, mas mostra-se inflexível, deitando imediatamente por terra os débeis argumentos com que pretendiam persuadi-la a trocar o luxuoso Resort, e os bicéps firmes de Asmodeus pelo ninho de palhas e mantas aquecido pelo bafo das cabras de Adão, o Enfadonho. O fim da viagem anuncia-se pouco pacífico e ainda que apenas Sansenoy o confesse, os três prefeririam não ter de enfrentar a ira do criador

Quinto Ato - Eva

– Importas-te? – diz Sansenoy, ao sobrevoarem a lindíssima teia de auto-estradas desertas, a uns mil metros de altitude, apenas a duas centenas de quilómetros do Paraíso, já na presença dos coloridos placards, com anjos sorridentes a anunciar os novos seguros milionários de implantes dentários.

– Importas-te Semangelov? – repetiu Sansenoy, voltando a tentar arrancar-lhe as rédeas da mão.

– O que foi agora?

– Olha-me para aqueles cavalos, homem. Tem dó dos animais.

– Sim, o que têm?

– Não os ouves a arfar??? Pobrezi-nhos. Estou farto de levar com baba na cara. Tanta pressa para quê? Aprecia a paisagem. Estás com pressa de chegar? Olha, eu nem por isso. Eu sabia, eu sabia que isto não ia resultar.

– Pudera. Acho que nem eu voltava. O hotel, a costa, os casinos, a diversão. Sexo três vezes ao dia. Viste os olhos dela? Nem nos olhava a direito. Mas não a censuro, sabes? Já era de esperar. Esta viagem... esta viagem foi uma perfeita fraude.

– Ele vai ficar danado. – disse Semangelov, roendo a pele das unhas.

– Qual quê, ainda acreditas nisso? – disse Sansenoy – O velho estava farto de saber que ela não vinha. O psicopata delega culpas. O canon do Eon: Irresponsabilidade e engenharia financeira. Cocktail letal. Em suma: precisava de financiar a coisa e não sabia como. Ele não quer é mexer nas aplicações financeiras. Pensas que eu sou parvo? Tudo fita. Quem vai pagar a megera de substituição somos nós. Rezo às forças do universo para que a faça roliça, devota e submissa, de preferência com rinite alérgica que o fedor do Adão não se aguenta, ultimamente.

– Obviamente. Achas que o homem é parvo? O Velho pode ser tudo, mas de tonto não tem nada. Ver-se-á forçado a prevenir riscos financeiros e ainda passa por humilde, dispondo-se a produzir algo mais modesto que aquele animal selvagem – aquilo não é uma mulher é

um produto megalómano de senilidade divina. – o que é uma bênção, Semangelov, retardada, mas é. Providencial.

– Como assim? – perguntou Semangelov.

– Agora que falas no assunto... eu vi-o tomar aquelas pílulas azuis... uns dias depois da criação. – disse Senoy, encolhido a um canto da quadriga. – Queres ver que o plano do Velho era outro? Por isso tinha tanto empenho em que ela voltasse. Por isso ela desaparecia sempre que o velho estava indisponível, “em reunião”. Andava a papá-lo. – Pobre Adão. – Traído pelo próprio pai.

– Eu apanhei o Velho duas vezes, de fato italiano, a fazer peito, nos lavabos.

– E nós de mãos a abanar... Que vamos fazer, agora? Recomendar-lhe Paintball solitário? Nem precisa da Vítor II! – disse Sansenoy, com um sorriso de orelha a orelha, que depressa esmoreceu perante o olhar displicente dos companheiros.

– Cala-te meu imbecil. Já basta o que basta. Isto é providencial, sim. Desta vez criará uma moçoila fiel e menos espampanante, de ancas gordas, e pendor para o bibe, para o chinelo e para a renda de Bilros – respondeu Senoy – e nunca mais teremos de viajar neste chação velho por este motivo. Sabem porquê? – Porque assim que a cabra souber que foi destronada, virá acertar contas.

– Bem visto, meu caro Senoy, muito bem visto. – disse Sansenoy. – Que tal umas cidras na Tasca do Cassiel para festejar tão brilhante conclusão? A sério, descansar os cavalos, e a cabeça. Ganhar tempo...

– Procrastinação?

– Chama-lhe o que quiseres.

Duas cidras depois, na Tasca do Cassiel, decidiram os três que seria preferível enfrentar a fúria divina tão depressa quanto possível e regressarem à Corporação Divina.

Mas de facto não foi tão mau como se imaginava, pois decorria uma greve na área da manutenção, e o Criador andava demasiado ocupado a fugir à imprensa, o que lhes permitiu contornar o temido encontro frontal, com um simples telefonema.

– Estou sim, Chefe?

– Dizei!

– Infelizmente, não temos boas notícias. Lilith foi bastante intransigente. Usámos todos os argumentos, mas foi inútil.

Depois de um silêncio mais que ensaiado, diz o Criador:

– Inaptos. Acaso decidistes falar de amor e compaixão a uma cabra gananciosa? Para quando um pouco de discernimento? Quero-vos na Corporação amanhã de manhã às oito em ponto! E tratai de despachar os jornalistas. Não há paciência.

– O que lhes dizemos?

– Digam-lhes que a administração está a estudar a possibilidade de diminuir a criação de cobras, sem recurso aos subsídios de risco.

– Mas vão continuar a ser mordidos.

– É a vida. Paraíso sem cobras? Aham isso concebível? Fico horas a contemplar os seus corpos deslizantes enlaçados nos troncos, no meio da folhagem luxuriante. São uma das minhas obras-primas. Além disso temos pessoal a mais.

– Mas...

– Caluda! Nada mais natural que uma mordedura de cobra no Éden. Morrer assim é uma bênção. Deviam agradecer-me. Graças a mim caem e vão para o Inferno, onde são tratados como lordes na casa do outro. Esse também enriqueceu não sei bem como. Pinta, toca guitarra, fornicar e lê e está rico. Mais rico do que eu.

– Satanás é bom moço, apenas um pouco rebelde. Já era altura de pordes esse ressentimento de parte. Que diabo,



***“Nada mais natural
que uma mordedura
de cobra no Éden.
Morrer assim é uma
bênção. Deviam agradecer-me. Graças a
mim caem e vão para
o Inferno, onde são
tratados como lordes
na casa do outro.”***





Senhor. Senão fosse ele, não teríeis tão boas perspectivas de florescer, no mundo.

– Mudemos de conversa, sim? Entendestes as minhas instruções?

– Sim, senhor. Quereis que levemos terra e água?

– Não. A não ser que a pagueis vós. Julgareis que tenho dinheiro para sustentar a vossa incompetência? Bisturis e éter. Vou criar a coisa da costela do pastor! Isto para não ter de vos descontar no ordenado. Reconsiderarei.

Assim compras o nosso silêncio...estupor. Pobre corno, infeliz, enganado e agora, prestes a ser mutilado, merecia saber.

– Eu ouvi isso.

Na manhã seguinte, pouco depois das oito da manhã, batiam à porta do casebre de Adão:

– Oh de casa! Adão! Adão! Estais acordado...

– Entrai, entrai – disse diz Adão, afogueado, abrindo-lhes a porta repentinamente, na companhia de uma simpática caprina. – Estava à vossa espera. Ludmila, os Agentes de Crise e o Criador. Agentes da Crise, Criador, Ludmila, a minha cabrinha montez.

– Méeeee – disse Ludmila. Ide que-rida Ludmila, ide, tendes ração da boa, junto do leite, tenho assuntos para tratar – disse, Adão, empurrando Ludmila que se afastou obedientemente. – Que novas me trazeis? O que vos disse ela?

– Nada feito, amigo, Lilith não é

“O Velho pode ser tudo, mas de tonto não tem nada. Ver-se-á forçado a prevenir riscos financeiros e ainda passa por humilde, dispondo-se a produzir algo mais modesto que aquele animal selvagem”

mulher para vós. Mas não vos inquieteis, trataremos de vos criar outra companheira – disse Sansenoy.

Adão suspirou, mas depressa se recompôs, provavelmente conformado com o seu destino.

– Que assim seja então e que o Destino me reserve outro fado. Tratai do assunto então, estou na leitaria a ordenhar Ludmila.

– Mais devagarinho, caro Adão – disse o Criador. – A Corporação Di-

vina têm o maior gosto em resolver o problema, reconhecendo a sua responsabilidade pelo sucedido, mas os recentes cortes de orçamento, forçam-nos a recorrer a um método um pouco mais económico, e para isso contamos com a vossa ajuda.

– A minha ajuda? Mas como poderei eu ajudar-vos se nada tenho.

– Sereis submetido a uma pequena intervenção cirúrgica, em que vos extrairemos uma costela para dela criarmos a mulher que vos acompanhará até ao fim dos vossos dias...

– Ah não, isso é que não. Uma costela?

– Quereis ficar com Ludmila? Contentar-vos-eis com os seus bramidos pelo resto da vossa vida? E as esporádicas investidas pecaminosas com a tripa de porco calçada no dito? Apenas as tolerarei por vos saber privado de outras alternativas.

– Bom, ela até é obediente, mas é, não é muito loquaz, é um facto, e o dito não foi feito para andar calçado em tripa de porco. Anda desolado. Só lhe falta falar. Só uma costela...é?

– Uma costela – disseram os quatro em uníssono.

– Que assim seja, então. O que quereis que faça?

– Deitai-vos em cima do vosso catre que nós tratamos do resto.

Depois de anestesiarem Adão, os 3 S procederam à extração da costela, que





acabou por cair ruidosamente num balde de leite vazio.

– Tende cuidado, imbecis. Isso é matéria-prima, e não carne de açougue, não fostes definitivamente talhados para a nobre arte da criação. – disse o Criador. – Peguei nela com a pinça. De que estais à espera!

– Os três S olharam uns para os outros, iniciando uma sessão meneios de cabeça sub-reptícios na direção do balde, mas nenhum deles, parecia decidir-se a tomar a iniciativa.

– É para hoje ou para amanhã? Não tenho o dia inteiro. Senoy, pinça!

Sansenoy, e Semangelov olharam vitoriosos para Senoy, que pegou relutantemente na pinça e pescou a costela ensanguentada do fundo do balde, com um ar nauseado.

– Isso mesmo. Erguei-a à minha frente.

Senoy obedeceu e todo o quarto se inundou momentaneamente de luz. Segundos depois tudo voltou a ficar imerso na escuridão.

Depois, subitamente, foi como se das entranhas da terra explodisse um choro semelhante a uma sirene de incêndio.

Ainda ofuscados pelo anterior clarão, só instantes depois os quatro perceberam a origem daqueles gritos estridentes. Aninhada no chão estava uma criatura roliça, de cabelos negros, e olhos cor de avelã, tentando a custo esconder-se sob as peles de ovelhas que cobriam o chão. Inconsolável.

– Ai, ai, ai, onde estou? Ai, ai, ai, quem me deixou neste despudor? Ai!!!! Dai-me roupas, senhor, imploro-vos. Ai, ai, é vergonha, senhor, vergonha. Cubrei-me imploro-vos.

– Cuidado com as palavras, bela Eva – disse o Criador, com um olhar lúbrico, virando-se depois para os três S – Estais à espera de quê? Viram a reação? É certificada. A túnica, o bibe e os chinelos, depressa.

Depois de a vestirem, Eva limpou as lágrimas ainda fustigada por violentos soluços, erguendo-se lentamente do chão e olhando para o catre onde Adão continuava mergulhado no seu sono induzido.

– Que belo homem. Quem é ele senhor? Que dedos grossos e ásperos, que rosto tisonado pelo sol e que barba rija tem. Um homem de trabalho. Por certo um bom homem. Tudo o que sonhei – Depois, aproximou-se dele, olhou-o ternamente e disse-lhe mesmo sabendo que ele a não podia ouvir. – A vós fui prometida? Sois vós meu amor?

– Sim, Eva, esse é o vosso companheiro Adão. Sois nascida de sua costela, mas vai demorar a acordar.



– Cuidarei para que acorde confortável. Obrigada, senhor. Obrigada, meus anjos, ide-vos agora, para que possa cuidar do meu homem.

– Tendes tudo o que precisais?

Eva olhou em redor:

– Amor e carinho para dar, uma lareira, panos do pó, tachos e panelas, esfregonas, o tanque da roupa, a horta, as cabrinhas e Adão... Sim senhor, que mais poderia uma mulher desejar?

Ocorrem-me uma série de coisas, pensou Sansenoy, mas foi prontamente fustigado com uma palmada na nuca

“O Velho pode ser tudo, mas de tonto não tem nada. Ver-se-á forçado a prevenir riscos financeiros e ainda passa por humilde, dispondo-se a produzir algo mais modesto que aquele animal selvagem”

do Criador, que lhe dirigiu um olhar ferino, de indicador espetado à frente dos lábios:

– Nem uma palavra...

Está bem, já percebi.

– Sim senhor.

Mas Eva, estava já aquecer água na lenha, a cantarolar.

– Está entregue. Missão cumprida. – Disse Sansenoy.

– À minha frente, disse o Criador – E retiraram-se satisfeitos.

Eva e Adão iniciaram uma vida simples e pacata, pautada pela modéstia o decoro, deveres domésticos, sexo panqueca, piqueniques ocasionais e tudo parecia estar enfim a compor-se. A natureza ajustava-os tão bem um ao outro que ambos pareciam até mais interessantes. Mas a felicidade não é eterna, nem no Éden, e os seus piqueniques edílicos em breve chegaram às páginas dos jornais diários, pela mão de anjos malévolos, sempre dispostos a surpreendê-los com as suas Canons, por entre os arbustos.

Na Suite 3116 Lilith acabara de receber os jornais da manhã.

– O pastor em piqueniques com uma flausina?

6º e último Acto – A Vingança.

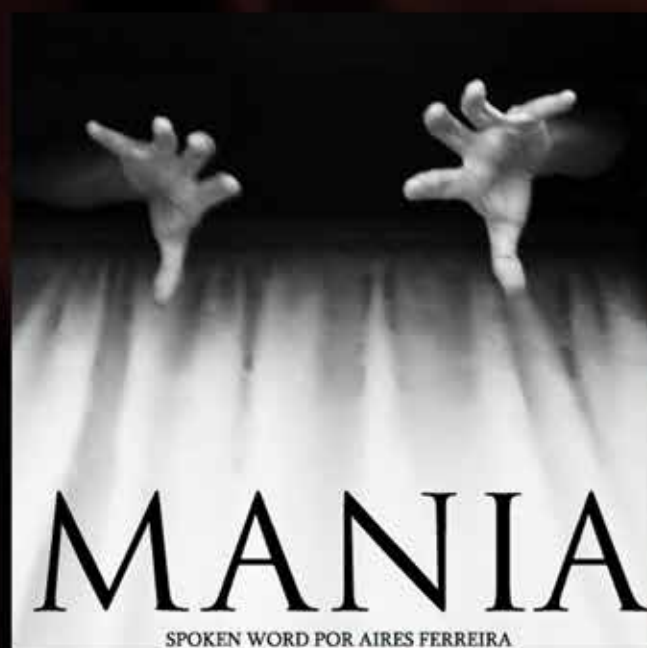


Necrosymphonic Entertainment

messing with your head since 2003



O poder da palavra está mais forte do que nunca.



Descobre todo um universo do intelecto transgressivo em:

www.necrosymphonic.com